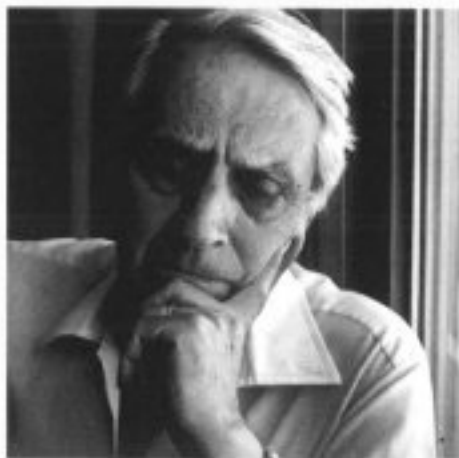


VERGÍLIO FERREIRA

de Melo a cidadão do mundo

Alípio de Melo



VERGÍLIO FERREIRA
(Melo, 1916 - Lisboa, 1996)

VERGÍLIO FERREIRA

DE MELO A CIDADÃO DO MUNDO

ALÍPIO DE MELO

VERGÍLIO FERREIRA

DE MELO A CIDADÃO DO MUNDO

CÂMARA MUNICIPAL DE GOUVEIA
COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO CENTRO
2003

Colecção: "Rota dos Escritores do Século XX"
Coordenação Científica: Prof. Doutor Seabra Pereira

Título: Vergílio Ferreira. De Melo a Cidadão do Mundo
Autor: Alípio de Melo

Edição: Comissão de Coordenação da Região Centro
Fotografia: Arquivo da família Vergílio Ferreira, Nuno Santos

Coordenação de Edição: Ana Maria Saturnino
Coordenação Gráfica: Ana Maria Barbero
Capa: Ana Maria Barbero

Composição: Grafismos - Pedro Bandeira, Lda.
Impressão: Imprensa de Coimbra, Lda.

ISBN: 972-569-138-5
Depósito Legal: 190701/03

1ª edição: Janeiro 2003
Tiragem: 1000 exemp.

www.rotadosescritores.org



Agradecimentos

Os meus agradecimentos ao
senhor professor José Augusto Rodrigues
e aos amigos da Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira,
pela colaboração.





De Melo, aldeia serrana, partiu um dia um miúdo, de nome Vergílio Ferreira. Por certo, com sonhos e em busca de novos horizontes que se configuravam em vir a ser padre.

Assim passou seis anos em clausura, permanência que, a juntar à emigração dos pais, moldaria o jovem seminarista, acentuando o seu carácter de constante interrogador, à medida que se submetia a uma disciplina rígida e consolidava a sua cultura essencialmente clássica e religiosa.

É então que faz os primeiros versos, junta-os num livrinho, mostra-os a um superior que deles desdenha.

Não surpreende a sua saída do Seminário do Fundão, após sentir a falta de vocação. Vem acabar os estudos liceais para a Guarda, onde se hospeda na casa da tia Miquelina, junto aos correios – é a Penalva de “*Estrela Polar*” (1962), misterioso romance dos amores do protagonista por Aida/Alda. Livro “que mais açoites tem apanhado da crítica”, com o cenário na cidade da neve, tantas vezes relembrada pelo escritor.

Se a infância está associada à terra natal, a juventude gira das paredes do seminário para uma certa liberdade na Guarda e, a seguir, em Coimbra. Aqui entra, em 1935 na Faculdade de Letras para terminar o curso de Filologia Clássica em 1940, com óptima classificação, valendo-se dos conhecimentos até então adquiridos. Seria convidado para assistente mas preferiu frequentar o estágio no Liceu D. João III e dedicar-se à docência liceal.

Coimbra e o ambiente universitário perdurarão para sempre no homem e no escritor e aí começa verdadeiramente a sua aventura literária, na aprendizagem com a leitura dos grandes romancistas. Escreve os romances “*O Caminho Fica Longe*” em 1939 (publicado em 1943) e “*Onde Tudo Foi Morrendo*” em 1942 (publicado em 1944), para além do opúsculo “*Teria Camões Lido Platão?*”.

Verificamos que estes vinte e tal anos de vida de Vergílio Ferreira decorrem na nossa zona centro, com vértices em Melo, Fundão, Guarda e Coimbra, e a incursão no Verão na Figueira da Foz. Fundamentalmente é um homem da Beira e da Serra.

A vida de professor leva-o a Faro (dois anos) e a Bragança (um ano), para se fixar em Évora, a partir de 1945. Inicia então uma era nova de amadurecimento literário.

No ano seguinte, Vergílio Ferreira publica “*Vagão J*”, ainda com influências do chamado neo-realismo. Segundo disse, era o ambiente da época esse movimento, rejeitando, no entanto, ter sido um apóstolo ou mentor do mesmo.

Com “*Mudança*” (nome simbólico), aposta nos novos tempos do que se chamará corrente existencialista, ao que o escritor preferirá, mais tarde, designar por “romance problema”. Afirma que “*Mudança*” traz “O conflito entre o homem-realidade-decisiva e irrevogável, e o homem acontecimento episódico numa sucessão indefinida de homens.”

Na década de cinquenta, ainda em Évora, publica a colectânea de contos “*A Face Sangrenta*” (1953), “*Manhã Submersa*” (1954), “*Cântico Final*” (1956), o livro de ensaios “*Do Mundo Original*” (1957), o ensaio “*Carta ao Futuro*” (1958), fechando este labor em 1959 com “*Aparição*”. Neste ano vem leccionar para o Liceu Camões, em Lisboa.

Com se vê, conto, romance e ensaio marcam uma etapa importante na vivência do escritor em Évora e os dois últimos géneros citados vão, no futuro, irmanar-se.

Num breve relance, diremos que “*Manhã Submersa*”, como toda a gente sabe, retrata autobiograficamente o ambiente no seminário, “*Cântico Final*” representa a transcendência da Arte, “*Do Mundo Original*” traz-nos vários ensaios sobre a Arte, o Mito, o Romance e leituras de Garrett, Saúl Dias, Pessoa, Fialho, Proudhon e o pintor Júlio Resende:

“E eis que, enfim, cerro a porta sobre a minha discussão. É bom estar só. Depois de todo o esforço para estar prevenido, para entender, me pensar, para ser *coerente* (tão difícil...), para organizar as razões como quem entra em combate, depois de toda a fúria e alvoroço com que enfrentei a contradita dos outros, a minha publicidade e o meu ridículo – é bom regressar e estar só.”

(...)

“A arte é tão simples! Como a alegria, a esperança, a amargura. Como o amor. Eternamente nos explicarão o que é amor, o que o estrutura, o define, o revela. Mas só o conhece quem o ama!”

“*Carta ao Futuro*” retoma assuntos sobre a Arte, nas suas diversas ligações com a Vida, a Acção, a Beleza, e considerações sobre Vida-Morte e Humanismo, sobre o Eu e o Mundo, os Limites da Condição Humana, etc.:

“Vejo-me, sinto-me, reconheço-me um mundo fechado, indissolúvel, olho as minhas mãos, sei-me, penso-me, reconheço-me uma multidão de factos, de ideias, de sensações, que me foram habitando, sinto-me *eu*, um todo, indivisível e irreductível, um ser instalado numa inefável eternidade necessária, um ser com o seu *quê* único, aquele que sou para mim próprio, aquele que sou para os outros como os outros o são para mim no seu tom de voz, no seu modo de gesticular, na pessoa tão única, tão nítida, tão fascinante que causa terror.”

Mas o verdadeiro choque é “*Aparição*”, saudado pela crítica e galardoado com o Prémio Camilo Castelo Branco, da Sociedade Portuguesa de Escritores. Romance ainda hoje preferido por muitos e que leva a Évora tantos admiradores do escritor, numa peregrinação aos lugares da acção.

Vergílio Ferreira afirmou que “*Aparição*” corresponde a um seu interesse vindo de longe, presente naquele momento em que a literatura existencialista era dada a conhecer em Portugal. Resume assim: “Esse romance surge como expressão desse interesse e ainda como resultado da experiência narrada, que eu vivi.”

Confessa que foi um encontro com ele próprio (“a minha *pessoa* e a fascinação que tal descoberta em mim operou”). É a condição humana a prevalecer, nas múltiplas interrogações do “Eu”.

Em 1962 publica o ensaio “*Da Fenomenologia a Sartre*”, na linha do pensamento existencialista, que serve de prefácio à tradução “*O Existencialismo é um Humanismo*” a que se seguirá, no ano seguinte, o ensaio “*André Malraux (Interrogação ao Destino)*”.

Como atrás citámos, ainda de 62 data o romance “*Estrela Polar*” que, na continuidade de “*Aparição*” – romance do Eu – é o romance do Tu:

“Revertido o *eu ao tu*, que é um *eu* objectivado, fascinou-me o problema da comunicação – e dele falei em “*Estrela Polar*”. O limite impossível dessa comunicação determinei-o na impossibilidade de precisamente um *eu* ser um *tu*, sermos nós nos outros, revivermos absurdamente nos outros o que vivemos em nós.”

(“*Espaço do Invisível II*”)

“*Apelo da Noite*” surge em 1963, fruto da dialéctica entre ideia e acção. O romance um tanto esquecido, com Coimbra na rota dos fugitivos.

1965 corresponde à saída de mais uma colectânea de ensaios – “*Espaço do Invisível I*” – e do romance “*Alegria Breve*”. Este esboçado inicialmente para o palco de Lisboa, o autor viria a representá-lo no ambiente beirão, considerando que atingira um limite que poderia vir a ser ou não ultrapassado. E tudo sob a epígrafe de Sófocles “Há tantas coisas espantosas, mas nada há mais espantoso do que o homem.”

O ensaio “*Invocação ao Meu Corpo*” chega em 1969, como que um prolongamento de “*Alegria Breve*”. É o corpo que está em equação, num misto de pensamento e emoção. Dedicado à memória do pai, apoiado nos versos de Rimbaud sobre a libertação do Homem perante os seus deuses. Denso volume sobre o Absoluto, o Mito, a Pergunta e a Interrogação, a Verdade, o Eu, Deus, o Passado e o Futuro, a Razão, a Liberdade, o Erotismo, a Arte, a Morte...

“Meu corpo. Meu irmão. Sem princípio nem fim. Alguém mo deu, mo fez, e no entanto ninguém mo fez nem deu, porque foi com ele que eu nasci, apareci a mim mesmo e ao mundo, integrado nele e na eternidade que é minha. O homem não começa, o meu corpo não começou – o meu corpo não finda, porque quando ele findar não será já o meu corpo mas um pouco de estrume sem dono. Complexa possibilidade da minha realização, nas mãos, nos pés, nos olhos, na boca, no sexo – foi bom ter nascido, meu corpo. Quanta coisa me aconteceu contigo – a vida é tão maravilhosa.”

“*Nítido Nulo*” é o romance seguinte, aparecido em 1971. Aí estão as evocações da infância e a solidão interrogativa do condenado à morte (o tema da pena de morte sempre suscitou o interesse de Vergílio Ferreira).

Em 1974 sai “*Rápida, a Sombra*” que acentua a necessidade do homem regressar às suas origens. Dois anos depois apresenta “*Contos*”, aproveitando os de “*A Face Sangrenta*” e outros. Disse um dia que tinha “pelo conto um interesse meramente accidental”. Tal facto não o impediu de escrever várias jóias nesse género como “*A Estrela*”, “*A Palavra Mágica*”, “*Mãe Genoveva*”, “*O Sexto Filho*”, “*Apenas Homens*”, “*A Galinha*”, “*O Encontro*”, “*Glô*”, “*Havia Sol na Praça*”, “*Uma Esplanada Sobre o Mar*”...

Ainda de 1976 é “*Espaço do Invisível II*” com temas sobre a concepção artística e leituras de diversos escritores, como Raul Brandão, Kafka, Régio, Namora, Eugénio de Andrade, Malraux, Saint-Éxupéry, Sartre, Camus. Assume os grandes assuntos da sua obra:

“Mas se eu privilegiei os temas da morte e da liberdade (e com eles o da *angústia* ou da *náusea* e do *absurdo*), foi só porque é aí talvez pela sua particular

ressonância humana, que a literatura particularmente se fixou. Mas não esqueçamos, por exemplo, que o *outro* é o tema de *Huis-Clos*, essa peça magistral de Sartre. E não esqueçamos também que os múltiplos outros problemas os poderemos detectar, mais ou menos explícitos e absorventes aqui e além.”

Segue-se “*Espaço do Invisível III*” que inclui ensaios sobre Arte, Literatura, o Livro e o Filme, a Morte do Homem... e leituras sobre Eduardo Lourenço, Vasco Miranda, Cesário, Eça, Pessoa, Chardin e Foucault...

A partir de 1980, surge o diário intitulado “*Conta-Corrente*”, em sucessivos volumes (na 1ª Série, 5, na Nova Série, 4), cobrindo os anos de 1969 a 1992, com excepção de 1986, 87 e 88.

Vergílio Ferreira afirmou que o género nunca o entusiasmara e pusera sempre uma certa relutância, um pudor em cultivá-lo. Trata-se de um documento de real valia, pelas considerações expendidas, opiniões sobre si e os outros, relatos do dia a dia, com muitas investidas.

Frontal. De cara descoberta. Sem subterfúgios. Evoca. Comenta. Opina. Afirma sem receio de nada. Por vezes sarcástico. Azedo. Do quotidiano à profundidade da reflexão. Mas sempre humano.

Criticado por alguns, em especial nas diatribes contra determinados sistemas, políticos e “capelinhas” confidenciáva-nos que nós ignorávamos o mal que lhe tinham feito, as dificuldades que lhe criaram, quando tentava afirmar-se como escritor. Era também a sua veia de polemista a vir ao de cima.

Embora vá afirmando que nada mais tem a dizer, o certo é que as obras acontecem.

“*Para Sempre*” (1983) é mais um retrato autobiográfico, o balanço de toda uma vida do bibliotecário Paulo no seu retorno à montanha, à aldeia, ao violino – enfim às origens. Muito elogiado o novo livro, como se depreende da folha de 4 de Janeiro de 1984, de “*Conta-Corrente /5*”:

“De modo que, e a propósito, penso romance e diário, o escrito e por escrever. Ouço assim a opinião sobre “*Para Sempre*”. Nada má. A classe média intelectual, professores secundários, médicos, confrades amigos, gostou muito. Faltam os catedráticos. Estou em pulgas.”

E a 26 de Janeiro:

“Saiu hoje a crítica de Gaspar Simões ao “*Para Sempre*”. Considera-o uma *obra-prima*, uma das obras-primas do romance português, o meu melhor livro. Fiquei derretido.”

Mais uma colectânea de ensaios, em 1986 – “O Espaço do Invisível IV” – e um pequeno livro de contos “Uma Esplanada Sobre o Mar”. No ano seguinte mais um romance “Até ao Fim”, com Melo, Lisboa e Coimbra nos cenários de Cláudio.

1990 é o ano de “Em Nome da Terra”, da presença de Coimbra, Penalva e a aldeia no percurso do juiz idoso e deficiente, em que o tema da velhice é tratado de modo diferente:

“Porque o que mais me tem apetezido escrever é um romance que fosse um hino à vida. Do meu “Em Nome da Terra” alguns leitores recolheram já essa lição – uma certa plenitude que salda o livro todo.”

(“Conta-Corrente – Nova Série II”)

Terminado o romance, pensa prosseguir com o ensaio e talvez por isso apareça “Pensar” (1992), um conjunto de nótulas em que, na sua opinião, uma primeira leitura lhe diz que o texto é “de um modo geral legível para pequenos e médios intelectuais. Para os outros, os de tabela alta, alguns trechos que eu não entendi bem mas que eles sim, por terem obrigação disso. Tive o cuidado espontâneo de pôr em (quase) todos um grão de sal. Resta saber se o tempero chega.”

(“Conta-Corrente – Nova Série IV”)

Mas o romance ainda espreita para ver a luz, em 1993 – “Na Tua Face”. Passado em Lisboa, com evocações de Coimbra e da casa na aldeia, Daniel, Bárbara, os amores e encontros.

Quase a terminar o diário de 1992, Vergílio Ferreira declara ir pôr fim a esta “coisa enfadonha e viciosa e insensata e monstruosa do diário”. Continuará a apostar no romance, saboreando já o que viria a ser “Cartas a Sandra”, assim esboçado:

“Aliás eu tinha pensado num livro em que as cartas se entremeassem com uma narrativa. Há um tipo, antigo colega do Paulo, que um dia passa pela aldeia e o procura. E sabe que já morreu quando escrevia precisamente a que seria a sua última carta. Visita a Xana em Lisboa, recuperação das cartas, tomada de conhecimento de coisas várias (de Xana, etc.), e publicação dessa narrativa com as cartas embrechadas. Ou se calhar só as cartas. De todo o modo quero visitar Sandra da perspectiva da aldeia. (Ou desistir, afinal, dessa empreitada, por já pouco me interessar o seu motivo.)”

(“Conta-Corrente – Nova Série 4”)

Além de “Cartas a Sandra” (1996), sairão postumamente “Espaço do Invisível V” (1998) e “Escrever” (2001), este último uma edição crítica do professor Hélder Godinho.

Autor consagrado, traduzido pelo mundo fora, honrado com prémios, homenagens e condecorações, estudado por literatos portugueses e estrangeiros (com particular incidência em Espanha, França e Brasil), patrono de escolas, bibliotecas e prémios, lido e analisado nos programas escolares, Vergílio Ferreira tornou-se num Cidadão do Mundo. Referência cultural, conseguiu conciliar a vida de professor com a Literatura, ficcionou a realidade, definiu os seus parâmetros existenciais, pôs acima de tudo o Homem, na sua dignidade e plenitude.

Vergílio Ferreira – de Melo a Cidadão do Mundo – produziu em Fevereiro de 1986, por ocasião dos seus 70 anos, um belíssimo texto, verdadeira súmula de conhecimentos, de procura contínua do saber, na relação com a vida, com os seus livros.

É um balanço, é um testamento:

“Em todo o caso, nos erros cometidos, no que foi verdade e falhou e se consumiu, no que me excitou e não tinha razão, um valor persiste quando a tudo dou um balanço e é o valor da própria vida. Só para ter existido valeu a pena existir. A maior recompensa da vida é ela própria. Creio que em tudo o que disse não disse afinal outra coisa. Creio que de tudo o que me fascinou nada me fascinou mais do que a vida, o seu mistério inesgotável, a sua inesgotável maravilha. Dou o balanço a tudo quanto me aconteceu e a vertigem de ter vivido absorve e aniquila o que ali falhou e mentiu. Foi bom ter nascido. Foi bom não ter acabado ainda de nascer...”

De Melo a Cidadão do Mundo.

“Foi bom ter nascido. Foi bom não ter acabado ainda de nascer...”



“Eu tenho pela minha aldeia uma afeição que é mais do que isso, porque é essa forma profunda com que se moldou a minha sensibilidade. Na pessoa que sou, o ambiente em que me criei deixou uma marca que com essa pessoa se confunde. Não sei, pois, como ser possível separá-las. Nada, pois, mais encantador do que expressar a ligação do meu destino à aldeia em que nasci e me criei.”

*(Carta de Vergílio Ferreira ao Presidente da
Câmara Municipal de Gouveia, datada de 19.4.1986)*

Aqui.

Eis Melo, descrito por Vergílio Ferreira no início do conto “O Encontro”:

“Agora a serra descia a toda a pressa para a aldeia. Depois, tranquila, alastrava devagar num grande vale, para subir ainda, suavemente, lá ao longe. Quebrado de cansaço e quase de surpresa, o engenheiro parou um instante no alto de um penhasco, soprando o fumo largo do cigarro, olhando em roda o silêncio da tarde. Um grande vento de solidão e montanha embatia-lhe no peito, inchando-lhe a camisa desapertada, penetrando-o de grandeza e de um incerto pavor. Mas logo reagiu, metendo a passo batido pelo caminho pedregoso que se lhe abria adiante, resvalando pesadamente no cascalho. De um e de outro lado, num pavor de precipícios, duas ribeiras iam fugindo para o vale, longo tempo acompanhadas por filas de arvoredos que lhes caminhavam à beira. De súbito, porém, o engenheiro parou de novo. Mas não valia a pena insistir. E outra vez foi descendo, largando atrás o negrume das matas, a hostilidade tenaz do pedregal. Quando, porém, vencida logo adiante uma pequena colina, se lhe levantou do chão o pico da torre do Paço com a massa negra das ruínas, ele parou ainda, emocionado, na expectativa de ver surgir o Outeiro.” (...)

Eis Melo, pequena aldeia ladeada pelas ribeiras do Paço e do Carril, à sombra das velhas ruínas, olhando ao alto a Estrela, neste naco de prosa poética, em que a natureza se anima.

Povoação antiga, teve Foro de Vila e Foral concedido por D. Manuel a 19 de Julho de 1515. Na bruma dos séculos ficaram as histórias dos Senhores de Melo, dos tempos do cruzado Soeiro Raimundo, companheiro de Ricardo Coração de Leão. Os seus habitantes também sofreram as agruras da Inquisição, embora alguns tenham engrossado as fileiras dos Familiares do Santo Ofício.

Durante séculos disputou uma contenda sobre os limites com Folgoso e deste intercâmbio entre os dois povos resta ainda o conhecido ditado dos vendedores de carvão daquela localidade: “Carvão que vai a Melo não volta a Folgoso.”

Melo foi Concelho, com Pelourinho e Casa da Câmara (ainda existentes) até à sua extinção em 1836, integrando assim o actual Concelho de Gouveia. Agrega a si a povoação de Nabaínhos.

Comunidade essencialmente agrícola, teve na periferia e até determinada altura uma fábrica de lanifícios – a fábrica do Beco, referida em “*Mudança*” como fábrica do Rego –, embora alguns industriais tenham exercido as mesmas actividades na fábrica dos Moinhos da Serra.

Eis Melo, com os seus lugares e referências – Termo, Casa da Câmara, Pelourinho, Outeiro, Cabo, Canhoso, Quelhas de Cima e de Baixo, Ribeiras (com a cheia na Fonte dos Namorados), as escolas dos rapazes e raparigas, as casas da família Beja Neves, do senhor Ximenes, das beatas, dos padres Parente e Marques, de São Caetano, do professor Almeida, as tabernas e lojas, a loja do correio, as quintas, a Quina, a ponte, a Fraga das Tapadas...

Aqui nasceu Vergílio António Ferreira, a 28 de Janeiro de 1916, filho de António Augusto Ferreira (1884-1964) e de Josefa de Oliveira (1888-1979). Aqui passou a sua infância e as férias enquanto estudante no Seminário do Fundão, no Liceu da Guarda e na Universidade de Coimbra. Aqui continuou durante anos a vir pelo Natal, Páscoa e férias grandes, já professor em Faro, Bragança, Évora e Lisboa. Aqui convalesceu quando esteve doente, com princípio de tuberculose.

No convívio com esta natureza serrana que a proximidade da Serra lhe impõe, no quotidiano com a gente da aldeia, pôde Vergílio Ferreira conhecer a vida rural, estuante de sacrifícios no cultivo da terra, dada a ditos e mexericos próprios duma mentalidade do homem do campo, analfabeta mas arguta, orgulhosa dos seus teres e sujeita aos senhores da terra.

Gente pobre na esmagadora maioria, trabalhadora com raras excepções.

Nas férias grandes, Vergílio Ferreira apenas passava as duas últimas semanas em Melo, porque necessitava de tempo para as suas leituras e na aldeia, segundo dizia, apenas comia e conversava. Não era bem assim, pois o escritor gostava de passear pelas redondezas e apreciava o ladrar dos cães ao longe, o canto do grilo, o coaxar das rãs, a luminosidade do arancús, a beleza das flores silvestres.

Com quem conversava? Essencialmente com a família e com um grande amigo, o médico–aldeão Mário Gomes Figueira, o doutor Beirão de “*Cântico Final*” que também aparecerá em “*Signo Sinal*” e, juntamente com a esposa D. Alice, em “*Cartas a Sandra*”. Era um homem brusco, nervoso, amigo, opositor ao regime.

Vergílio Ferreira ama a sua aldeia, tem-lhe um afecto muito dedicado e exprime o seu sentimento em inúmeras manifestações. Quantas lembranças e evocações da terra natal e da infância!:

“(…) De tal modo, assim, a infância me impregnou que dificilmente eu consigo escrever um romance inteiramente fora das grades que a sensível memória me guardou. (…)”

(“*Um Escritor Apresenta-se*”)

E assim é. A aldeia é o cenário natural onde se movem os narradores, sobretudo na infância e depois já na idade de reforma. A aldeia é Melo, mesmo que o nome não seja expresso. Aliás, tal nomeação poucas vezes ocorre. É a aldeia, Melo, que em “*Mudança*” se chama Vilarim, enquanto Castanheira será a então Vila de Gouveia, com a sua estação ao longe, o cinema, o Clube frequentado pelos notáveis locais que aí jogavam bilhar, aqueciam-se à lareira e desenhavam a política municipal. Não falta o jornal “*Hermínios*”, qual decalque do semanário “*O Hermínio*” que durante décadas se publicou em Gouveia.

Tempos de crise, depois tempos da febre do ouro negro em toda a região. Findo o conflito mundial, tempo de festa e de esperança em eleições, o que não veio a concretizar-se:

“A guerra acabou. E, dias depois, Castanheira ferveu de alegria, festejando a vitória. Rolos de gente inundaram a Praça e as ruas, filarmónicas arrancaram marchas de glória, e os olhos dos homens chamejaram de delírio.”

(…)

“O cinema estava cheio. A polícia dispersou o resto. Bruno ainda pensou furar a barreira por uma porta secreta. Falava o célebre Afonso de Paiva, beirão, advogado em Lisboa. Mas ninguém estava ali para o ouvir. Iam só confirmar se na realidade ardente de uma esperança comum.”

Com a morte dos familiares mais chegados, a amargura toma conta do escritor:

“Amanhã vamos a Melo. Há coisas legais a arrumar depois da morte de minha mãe. Como se a própria morte se burocratizasse. Amanhã vamos a Melo.

Minha mãe não estará. Nem a tia Quina. Nem ninguém dos que já não estavam. Creio que eu próprio também não vou estar. (...)

(*“Conta-Corrente 13”*)

Seguir-se-á a morte da Mana que tanto o ajudara, ao oferecer-lhe parte da mesada vinda da América: “A Mana não sai do carro. Um pouco alheada de tudo, vai cumprindo a sua desagregação cerebral”. Dirá também já não ter vontade de voltar a Melo, porque vinha “sempre com o cemitério às costas”.

A 11 de Setembro de 1977, os seus conterrâneos prestaram-lhe uma simples homenagem, descerrando uma lápide com o seu nome na rua “onde me criei, joguei o pião e atirei o papagaio”... (...) “Disse, no agradecimento, que sempre recusei ‘homenagens’; mas que recusar aquela seria grosseiro como recusar uma flor que uma criança colhesse no campo e nos viesse oferecer. Na realidade, foi tocante de singeleza – direi de ingenuidade?...”

(*“Conta-Corrente 12”*)

De Melo, Vergílio lembra-se “sobretudo dos dias e noites de Inverno, com o seu assombro e terror de chuvas e ventania. Mas do Verão vêm-me apenas a imagem das noites sufocantes, sentado na ‘eira’ a ver nascer a lua imensa ao alto da serra”. E, depois de incursões pela Primavera e Outono concluiu que no mais recôndito da sua sensibilidade encontraria “o erguer da lua no Verão e a brancura da neve do Inverno. Iniciação à vida e sagração do fim. Talvez. Não sei.”

Aqui. Aqui nasceu Vergílio Ferreira.



“Bom, esta casa não é a casa em que eu nasci nem aquela em que me criei. Nasci lá à praça, não foi?”

(“Entrevista a Lauro António”)

Aqui.

A casa onde nasceu ainda existe, mas já descaracterizada. Fica no Termo, junto à chamada Casa da Câmara e ao Pelourinho. Podemos reconstituí-la através de uma fotografia e da descrição do protagonista de “*Para Sempre*”, nas derradeiras páginas da narração, quando a ela regressa:

“Depois desço para o outro lado da aldeia, a minha casa era aí. A empena mais alta reveste-se de lousas como escamas... A pedra da varanda sobressai do quarto...”

Com a partida dos pais para a América, Vergílio vai viver com as tias e a avó materna para a casa que se situa no Cabo, bem próxima da dos Borrachos, gente que celebra em “*Vagão J*” e “*Manhã Submersa*”.

Em entrevista a Lauro António, revela ter ainda reminiscências das duas, pois diz recordar-se de factos ocorridos com dois anos de idade.

Os pais regressam, por volta dos seus treze anos, mais uma vez vão para a América e começam a construir a moradia com quintal que dá pelo nome de Vila Josephine. E porquê tal nome? É que a mãe naturalizara-se americana, por conveniência do seu trabalho, e os serviços encontraram este nome como correspondente a Josefa.

Na dita entrevista, Vergílio Ferreira afirma que se sente “ligado à solenidade desta casa também, intensamente, emotivamente aqui regresso sempre que posso, porque eu sou daqui.”:

“É alta, toda de amarelo, agora desbotado. Loja, dois pisos. As empenas chanfradas, um ar polidrico no seu facetado:”

(“*Para Sempre*”)

Abre-se o portão do quintal, a loja em baixo, sobe-se a escadaria com o gradeamento e o patamar, o corredor dando para as salas e cozinha, a sala de costura. Para ir ao andar de cima, apoiamo-nos ao corrimão, enquanto a escada dá uma volta rápida. Aí estão os quartos. Num deles, Vergílio montará os aparelhos necessários à revelação de rolos fotográficos, ele que era um amante da fotografia.

A fachada dá para a montanha, para as ruínas do Paço e seu pombal. Das traseiras avista-se o vale e as lonjuras do Caramulo. Até nós chegarão os sinos do Freixo (pequena povoação perto de Melo) e os comboios lá para os lados do Mondego e da estação da Castanheira, as aldeias no horizonte...

O armário do violino continua intacto. A galinha inspiradora do conto com o mesmo nome, lá está, assim como a fotografia dos numerosos peregrinos a Lourdes, entre os quais o padre Parente, as tias e o pequeno Vergílio.

Pena é que a estatueta de louça – “um rapazinho de camisa aberta e chapéu, a boca a rir com a alegria de quem o fez” – se tenha partido (“*Na Tua Face*”).

Na casa esteve o relógio napoleónico. Paulo dá-lhe corda, impulsiona o pêndulo, acerta os ponteiros, num lento ritual dos tempos:

“Torrente de factos arrastados pelos anos, toda a minha história tão multiplicada e nula, toda o possível do meu futuro impossível, marcados, traçados, centralizados em inexorável precisão.”

(“*Para Sempre*”)

Por cima do aparador da sala de jantar havia um Cristo que, estropiado, saiu para servir de companhia ao juiz, no seu quarto do Lar, e possibilitar-lhe, assim, uma longa conversa de interpelações e afirmações:

“De todo o modo estás aí despedaçado e não faz mal que te reconheça meu irmão. O sofrimento que te deram foi de fora, o teu corpo estava inteiro quando a coisa aconteceu. Mas o meu vem de dentro, não sei se vês a diferença. Não me violentaram o corpo, foi ele que se desagregou. De todo o modo, acabou-se, meu irmão no sofrimento. Irmão diferente, mas irmão.”

(“*Em Nome da Terra*”)

Junto à casa, o Padrão dos Centenários e o tronco do ferrador, hoje reconstruído e que seria um regalo para a miudagem ver trabalhar o tio António, o tal que com mais de noventa anos dizia que a vida tinha passado tão depressa.

Também atraía a atenção da garotada a oficina do Trigo ferreiro. Os miúdos sentavam-se no peitoril da janela envidraçada e perturbavam-no, pelo que o

homem resolveu untá-lo com borras de azeite. Foi aí, olhando para o vidro espelhado da janela que Vergílio teve a percepção da “aparição”:

“Subitamente, porém, quando ia a erguer-me, eu vi que estava alguém mais no quarto. Dei um berro, larguei tudo, estatelei-me no corredor. Aos meus gritos acudiu minha mãe, meu pai, meus irmãos, as criadas, a tia Dulce. E ali, à face de todos, declarei:

– Está um ladrão no meu quarto. (...)

Olhei. Quem estava diante de mim era eu próprio, reflectido no grande espelho do guarda-fatos.”

(“Aparição”)

Para além do espaço físico, a casa tem um valor transcendente na memória de Vergílio Ferreira e dos seus protagonistas. Estes regressam à solidão das suas casas na aldeia, para aguardarem o fim.

É o regresso às origens.

Aqui.



“Em todo o caso, logo desde a infância –
meu pai partiu tinha eu três anos. Dois anos
depois partia minha mãe com a minha irmã
mais velha, já comprida de horizontes”

(“Nítido Nulo”)

Aqui.

António Augusto Ferreira emigra para os Estados Unidos. Depois seguem-no a mulher e a filha mais velha, Virgínia, que viria a falecer com vinte anos. Vergílio fica juntamente com os irmãos César e Judite. César irá mais tarde ter com os pais.

Ao recordar este dramático afastamento para um miúdo de três anos, escreverá Vergílio Ferreira: “Estou só ainda, na memória que me ficou.”

Em “*Nítido Nulo*” relata a cena da despedida correndo atrás da carroça do Beltra numa comovente imagem cinematográfica:

“Então larguei a correr pelo meio da estrada atrás da carroça, minha mãe ia lá dentro. Ia correndo pelo meio do pó, obstinadamente, sozinho, e em dada altura minha mãe fez-me um sinal. Devia ser a dizer-me adeus. Depois o intervalo alargou-se ainda, até que a carroça desapareceu ao longe, numa pequena nuvem de poeira. Então sentei-me numa berma da estrada. Estava só.”

A forçada separação deixa marcas profundas no garoto, cuja educação passa a ser entregue às tias Lalinha e Quina e à avó materna. Presidia à tutela um tio-avô – o “padrinho-prior” – de seu nome Manuel d’Oliveira (1853-1923) que lhe ensinaria “todo o latinório da missa”, para o ajudar nas celebrações.

Por sua vez aprendia a ler com as tias, facto que a todos regozijava, pois o pequeno lia com desenvoltura o jornal na loja do Nunes.

Se àquele trauma, “a ferida da infância que não parava de sangrar”, no dizer de Almeida Faria, acrescentarmos uma educação pautada por princípios de rigidez, disciplina e religiosidade, impostas pelas tias, encontramos factores essenciais que moldam a maneira de ser do pequeno Vergílio.

Todo o ambiente descrito perpassa pela obra do escritor que, por várias vezes, chama até nós o espírito da infância, os longos Invernos, a solidão e o silêncio de uma aldeia, com a montanha ali perto e as tias, dando-lhes os nomes de Luísa e Joana (“*Para Sempre*”) e Matilde (“*Nítido Nulo*”).

A tia Joana apontava para o fogo do Inferno, para o Diabo; a tia Luísa organizava os preceitos – chegar à missa a horas, estar composto e reverente. Eis o retrato de ambas:

“Mas a tia Luísa foi toda a vida assim. Enviesada sub-reptícia. O dente rilhado, cerzido de cólera. Metia-lhe devagar por baixo do xaile os dois dedos em alicate e devagar, azeda de prazer, um beliscão torcionário, tia Joana torcia-se toda de dor surda, não soltava um queixume. Depois arregaçava as mangas da blusa, mostrava a marca do suplício, os olhos arrasados de desgraça, a pedir compaixão.”

E como era a tia Matilde?

“Tia Matilde era muito religiosa, de uma religião que a atravessava toda, se integrava na mecânica diária como vestir-se, lavar-se, comer, dormir, se entre-meava mesmo com esses hábitos,

– Sape-gato! padre nosso que estais no céu, ó Dolores, santificado
– Minha senhora!
– Põe o chá ao lume, seja o vosso nome
era o modo correntio de ir sendo e fazendo qualquer coisa como eu fumo um cigarro enquanto conto e o cigarro não é bem as margens do que digo
– venha a nós o vosso reino, ó Dolores
– minha senhora!”

A maneira de ser das tias permitiu a Vergílio Ferreira construir a figura emblemática de D. Estefânia. Austera, veladora da religião, temente a Deus, aterroriza o pequeno Borrvalho “com a vergasta da voz”:

(...) “e ali ia, afinal, outra vez só, entregue à disciplina de D. Estefânia. Casada com um capitão de tarimba, mãe de seis filhos, tinha todavia uma religião tão seca e impiedosa como uma velha virgem descarnada. Morava ela num casarão antigo junto do adro da igreja, a um canto da povoação. Um longo e escuro corredor, serpenteando aos altos e baixos pela casa toda, levava até ao meu quarto, que ficava junto à cozinha. Era um quarto pequeno, pintado de amarelo, com uma janela de grades, rente ao chão, voltada para o grande quintal arborizado. Arrumei a saca, lavei-me, fui enfim cumprimentar o Sr. Capitão e os meninos todos. Fizeram-me as perguntas que quiseram, e D. Estefânia que vigiava os meus actos, de mãos dadas à frente, terminado o interrogatório, mandou-me enfim jantar.

– Comes este ano ainda na cozinha. Para o ano comerás connosco. Um futuro ministro de Deus deve habituar-se a lidar com todas as classes sociais.”

(“*Manhã Submersa*”)

Vergílio anda na escola primária, sobressai dos outros colegas, o que leva o professor Serafim Ribeiro a confiar-lhe a regência da aula, nas suas ausências.

Apesar da educação ríspida, o pequeno brinca com os outros garotos, nos jogos da bilharda, saltivão, pião, nas idas ao poço da Azenha para tomar banho e no lançamento do papagaio, para ele o brinquedo mais fascinante.

A tia Joana de “*Para Sempre*” recrimina-o assim:

– Seu valdevinos, seu coisa reles, andar agora metido com a canalhada da rua. Ir lá para a ribeira, que até se podia afogar. Andar a correr atrás do papagaio e tudo. Veja só o estado em que vem, todo cheio de terra, a escorrer em suor.”

A religiosidade da educação patrocinada pelo “padrinho-prior”, entretanto já falecido, e a peregrinação a Lourdes na companhia das tias, determinam o ingresso de Vergílio no Seminário do Fundão. Como disse a Lauro António “era uma vantagem para a família, porque facilitava a entrada no Paraíso”.

É curioso que o escritor não dá grande relevo à sua ida ao Santuário francês. Seria lógico que o tivesse feito, uma vez que para um miúdo de dez anos a viagem e a estadia deviam constituir um deslumbramento.

Encontramos referências ao acontecimento no romance “*Para Sempre*” através da “Munda beata que foi a Lourdes e voltou carregada de terços e medalhas” e no passo da “*Conta-Corrente 13*”, ao interpretar o seu retrato, imerso em grandiosa fotografia dos romeiros, tendo por pano de fundo a imponência da catedral:

Quando fui a Lourdes, em 1926 (tinha eu pois dez anos) tirou-se uma grande foto aos peregrinos na escadaria da catedral e eu também lá estava, em baixo, do lado direito, sentado no chão ou num degrau. Lembrei-me então de pedir ao Zé que achasse uma de algum peregrino de Melo e me ampliasse a efígie. E o que veio foi uma foto estranha. Lá estou – como é que estou? Não me sinto ali, olho o mundo com uma aflição indizível. A face dura e triste, um olhar intenso, braços cruzados em decisão de abandono, as orelhas um tanto despegadas do crânio.”

Era um miúdo triste, às portas de entrar numa clausura de seis anos. Dirá um dia “que a doença (fui sempre doente) tenha ajudado a fixar o tipo de pessoa e escritor que sou”. E acrescentará “Cresci um pouco à margem da festa juvenil”.

Apesar da propensão para uma certa melancolia, Vergílio Ferreira mostrará por vezes o seu carácter expansivo, de que são exemplos concretos a organização de récitas na aldeia. Há quem se lembre de uma delas, em que uma garota, com um cesto de vime cheio de flores, cantava:

“Meus senhores eu vendo flores,
mas ninguém mas quer comprar;
são tão baratas, tão lindas,
mais lindas não podem achar.”

Por outro lado, é conhecido o episódio de uma festa no Liceu da Guarda. Por ter faltado o aluno que interpretava o papel cómico, Vergílio propôs-se substituí-lo e fê-lo a contento de todos, como já sucedera nas representações no Seminário e, mais tarde, no filme de Lauro António.

Tudo já vinha dos seus seis anos, quando entrou numa peça no Salão da Misericórdia. Recapitula esse passado de actor:

“A primeira vez que fiz teatro tinha seis anos. Era no salão da Misericórdia, em Melo, mas não havia palco nem sequer estrado, suponho. E o que eu teatrei foi um monólogo. E lembra-me ainda a primeira frase – a única: ‘Eu sou o doutor Panfúcio da Cana Verde’. Que coisa miraculosa.”

(...)

“Depois fui para o seminário e não sei porquê imediatamente me empolgaram para os espectáculos que se realizavam pelo Carnaval. Desempenhei o papel de Tarcísio, menino mártir na perseguição dos romanos aos cristãos.”

(...)

“Depois entrei no liceu. E no espectáculo do 1º de Dezembro, estava eu no 6º. Ano que é que era aí o meu primeiro, o actor de um papel cómico foi-se abaixo não sei porquê. Era um papel cómico e na ameaça do desastre da falha do actor em vésperas do espectáculo ofereci-me eu para o substituir. Gargalhada geral. Como é que um tipo macambúzio e enegrecido ainda da compostura eclesiástica podia fazer rir? Deixem-me experimentar, disse eu. Deixaram. E no ensaio toda a gente riu em enorme gáudio; mas não de mim e sim da personagem que eu incarnava. Veio o espectáculo e foi um sucesso.”

(“Conta-Corrente – Nova Série II”)

Mas voltemos à ida para o Seminário do Fundão, também chamado das Donas. Acompanhou-o um atestado do pároco de Melo, o tal padre Parente da música e do violino, comprovando o seu bom comportamento, a ajuda à missa, a participação na Juventude Católica, na Congregação dos Filhos de Maria e do Santíssimo Sacramento. Termina assim a missiva:

“Tenho verificado também que é um espírito penetrante, devendo trazer muito prestígio à Igreja e à classe eclesiástica se tiver a dita de se ordenar. Ele e a família Oliveira têm nisso verdadeiro empenho.”

Como sabemos, tudo está ficcionado na história de António Borralho da “*Manhã Submersa*”, na vida dura do Seminário: disciplina férrea, ensino rígido dentro dos cânones da Igreja, castigos corporais, ambiente asfíxiante, etc. Juntamos as saudades da família e da terra natal e aí temos um peso enorme sobre os ombros do pequeno Vergílio. Uma experiência de vida que jamais esquecerá e nos deixou nas páginas do citado romance, através do relato da vivência seminarista, dos traumas, da análise dos professores, como o tal padre Lino, “especialista em palmatoadas” e “lenda de veneno e vingança” (o seu verdadeiro nome era padre João de Paula Fino que, durante anos, viria a paróquia Vila Nova de Tázem, outra freguesia do concelho de Gouveia).

No entanto, no Seminário adquiriria vastos conhecimentos em diversas áreas e afirmava-se aluno brilhante, testemunhado pelo padre Manuel Leitão, seu colega de turma e que em Melo presidiria às cerimónias do funeral de Vergílio Ferreira.

Escreve o pároco de Melo no jornal do Seminário, com o título sugestivo de “*Manhã Radiosa*” (Junho de 1996) que Vergílio já “revelava uma tendência clara para a escrita” / “Era bem comportado em todos os aspectos: moral e religioso, disciplinar escolar e civil” / “Bom filósofo, discorria admiravelmente” / “Um actor de génio...” Sintetizava deste modo: “Era talentoso acima de todos os companheiros da turma e, nem por isso, se mostrava vaidoso ou orgulhoso.”

Seu companheiro foi também o futuro escritor José Marmelo e Silva que em “*Adolescente*” e “*Adolescente Agrilhado*” comungou da mesma vivência amarga. No exemplar autografado do primeiro daqueles romances que ofereceu a Vergílio Ferreira, anotou: “Ao Vergílio Ferreira, meu irmão naquela Manhã Submersa, agradecendo a sua esplêndida camaradagem no embate...”

O “embate” protagonizava-o um clero conservador em diatribes contra os dois.

Vergílio não tem a dita de se ordenar, embora o desejo existisse, como atesta no exemplar onde começou o seu contacto com a Literatura Portuguesa, uma Antologia da responsabilidade de Fidelino de Figueiredo. Podemos ler, em letra ainda juvenil, que aquele livro pertence ao padre Virgílio António Ferreira Oliveira – Fundão – Melo.

Ainda no contexto familiar tomamos conhecimento das idas anuais à praia da Figueira da Foz. As tias levavam-no ao doutor Oliveira (médico de Gouveia que prestava serviço em Melo, no salão da Misericórdia) que lhe receitava o célebre óleo de fígado de bacalhau e no Verão banhos de mar. E assim lá ia a família de comboio para a Figueira, com toda a bagagem para uma estadia prolongada. Chegada ao destino, a tia Lalinha comandava até à casa alugada na Rua da Fonte (“*Nítido Nulo*” e conto “*Banhos e Saúde*”).

Aqui. Aqui viveu Vergílio Ferreira com a família.



“Mas é evidente que depois de se descobrir a arte, nós descobrimos a nossa voz, e aí o real tem uma imediata função, pois a minha voz descobri-a assim, em função disto, em função da montanha”.

(Entrevista a Lauro António)

Aqui.

A montanha. Omnipresente na obra de Vergílio Ferreira, ela exerceu sobre o homem e o escritor um fascínio nos mais diversos aspectos. Tal facto determina que, desde os primeiros tempos, o escritor tenha sido sempre apresentado como natural de Melo, na Serra da Estrela. Poucos o dão como nascido em Melo, no concelho de Gouveia, ou na província da Beira Alta.

Para além da realidade física, a montanha é na obra vergiliana, um lugar metafísico, como assinala José Rodrigues Paiva, em “*O Espaço-Limite no romance de Vergílio Ferreira*”:

(...) “A montanha não é exactamente um universo geográfico ou social, e sim um espaço essencialmente mítico, de função catártica ou ascética, em que o homem reencontra as suas origens naturais e donde lhe é possível reeducar o seu espírito, despindo-o dos preconceitos que lhe foram impostos pela existência.” (...)

Há centenas de referências à Serra e, associada a ela, o vento, a tempestade, o sol, a lua, o frio e, claro, a neve. Veja-se, logo à partida, a capa do livro “*Onde Tudo Foi Morrendo*”, da autoria de sua esposa Regina Kasprzykowski, que reflecte uma aldeia com a montanha nevada ao fundo. Recordamos que António Borralho, nas férias de Natal, medita e vê “os vultos dos homens, parados à beira da estrada, virados para a montanha, numa conversa muda com o Tempo”, que “*Estrela Polar*” se localiza em Penalva-Guarda (onde há a Rua do Inverno e muita neve), que “*Cântico Final*” concentra a sua acção no amplo espaço da Estrela, a raiar o céu, que “*Alegria Breve*” se desenrola à vista dos dois picos e se inicia com a neve a assistir ao enterro de Águeda,

que Alberto de “*Aparição*” “(...) avança para a montanha e para a mão que dela se ergue (...)”, que Paulo regressa “(...) Ao longe, a montanha, uma grande pedra ao sol (...)”.

Reproduzimos agora várias alusões a todos estes elementos:

“A montanha espadaúda combateu bruscamente contra o céu, caíram sobre o mundo tumultos de trovoadas, chuvas e nevoeiros que esmagaram a terra de pavor”.

(“*Mãe Genoveva*”)

“(Serra negra cravejada de rochedos, forrada de cardos e tojos. Que a vegetação fresca não aguentava a subida da serra pedregosa)”

(“*O Caminho Fica Longe*”)

“O frio de Março desenrolou um toldo cinzento sobre a desolação da montanha”.

(“*Mudança*”)

“Mário falava com frequência da ‘metafísica’ da sua serra, dos nevoeiros, dos nevões, do signo da eternidade que marcava a sua aldeia.”

(“*Cântico Final*”)

“Deve ter caído mais neve, porque há um nevão novo no halo da minha memória”

(“*Estrela Polar*”)

“A lua trespassa com seu fluído de eternidade este corpo perecível e transmigra-o ao país da legenda”.

“Leva para o sol a tua aparição e serás um homem”

(“*Aparição*”)

“Uma nuvem clara passa agora não sobre o monte de S. Silvestre, mas sobre o outro, o pico d’El-Rei. É um pico menos aguçado, forma um redondo de uma cabeça”.

(“*Alegria Breve*”)

“Estou à varanda para o infinito, em frente está o pombal desmantelado, os campos que se estendem que perder de vista e mais longe a linha diluída da montanha.”

(“*Para Sempre*”)

“Havia já carros em viagem, misteriosos de clandestinidade àquela hora, o céu era maior desde o alto da montanha já à distância.”

(*“Até ao Fim”*)

“O frio veio com a neve... É um frio que nunca conhecestes e eu te não sei explicar. Límpido, todo em arestas finas, qualquer coisa assim.”

(...)

“Ao longe e ao alto a serra cobre-se de neve. No céu azul e frio o sol ilumina-a de um esplendor novo.”

(*“Cartas a Sandra”*)

“O vento, o vento. Lôbrego, intenso, furioso, ouço-o. Vem no seu rasto uma memória lúgubre de invernias, noites escuras, devastações, tempestades. É uma força quase abstracta, porque se não vê, é só o seu sopro como por espírito.”

(*“Pensar”*)

Concretamente no que diz respeito à Serra da Estrela poucas vezes o escritor a designa assim. Que nos lembre apenas nos diários (por exemplo a sua ida à Capela da Assardaça, junto ao Mondego e para lá do Pico de Santiago, transposta para Folgosinho na Capela da Senhora da Noite) e no romance “*Vagão J*”:

“Ao outro dia os jornais distraíram os seus leitores com a notícia de que para os lados da Serra da Estrela uma trovoada causara largos prejuízos. Onde fica essa Serra da Estrela?”

Em conclusão, Vergílio Ferreira faz na sua obra póstuma “*Escrever*” um balanço do que podemos chamar o seu espírito da montanha:

“Que é que me diz à evocação a montanha onde nasci? Os uivos do vento numa noite de tempestade, a neve do início genesíaco. Mas o mar diz-me da constante inquietação e só a montanha me lembra o estável e o eterno. Massa enorme, nascida do ventre da Terra, está ali, repousada sobre o seu ser, feita da substância da eternidade. Assim ao contemplá-la eu próprio repouso sobre mim, esvaziado do que me oprime ou inquieta, transmudando-me ao que nela há de estável e denso e alastrado aos poderes cósmicos.”

Aqui. A montanha.



“Contactos com a gente simples. Pois. Mais sobretudo se acontecem. Mas a gente ‘simples’ é afinal tão complicada... Guardo, todavia, uma boa reserva dela desde a infância. E creio que já não vai havendo disso, mesmo na aldeia. O que é bom, suponho. Dessa reserva me tenho abastecido razoavelmente para os livros.”

(“Um Escritor Apresenta-se”)



Aqui.

O miúdo Vergílio criou-se no convívio com os seus concidadãos, embora debaixo da sombra tutelar das tias. Inteligente e perspicaz, pôde apreender com realismo a mentalidade dessa gente e apanhar as histórias dos seus anseios e trabalhos.

Gente simples, mas complicada, analfabeta, com todas as virtudes e defeitos do mundo rural profundo.

Nos contos e romances, em especial nos da dita fase neo-realista, desfilam perante nós uma galeria de homens e mulheres do povo, as intrigas e desaguizados, os falatórios sobre namoricos, a servidão de muitos a mando, em geral, dos grandes proprietários, comerciantes e feitores.

Todo este universo procura o escritor reproduzi-lo, seguindo fielmente o modo de ser dos intervenientes e trazendo o quotidiano de então. Os protagonistas são de carne e osso e as histórias verdadeiras, por vezes ficcionadas num ou noutro pormenor.

Acontece que os nomes e alcunhas são reais. Existiram efectivamente os Borralhos, o Gaviarra, a Maria do Termo, o Trigo ferreiro, o Gorra, a Corisca, a Munda, o Pintelha, o Caralheta... Os lugares de convívio da época – lojas e tabernas – existiram com os nomes dos seus proprietários – Nunes, Churro, Coxo...

Questionado um dia se não tinha receio de os melindrar, por tê-los apresentado tal como eram, o escritor respondeu que, antes de mais, eles não o liam e depois se os tinha ali à mão, na sua essência, para quê substituí-los.

Vergílio Ferreira também era muito cioso do seu nome, dizendo que dava “o cavaco” se o escreviam com “i”: “Um nome é nós e nós somos intangíveis”.

A crítica literária saudou o aparecimento de “*Onde Tudo Foi Morrendo*”, realçando que “O romance dá-nos toda uma aldeia – com os seus ódios, as suas intrigas, as suas classes sociais. A vida das personagens entrecruza-se, interpenetra-se; os acontecimentos encadeiam-se, intersectam-se verosimilmente”. (“*Diário Popular*”)

O escritor procurou então reproduzir a linguagem popular nas expressões e diálogos, de que damos alguns exemplos:

“– Atão quando é que o senhor funcionário te vem buscar?

– Stás com pressa, stás...”

(...)

“– Atão dixeu que este padre que é que arranjou bonita às beatas... Dixeu que vai arranjar uma música de rapazes e que é pra dançarem. Ali à preta! Assim é que é gosto. Padres reinadios... No é assim, ó Ti Zé?”

(...)

“– Stamos trabalhados”

E as histórias são verdadeiras. Lá temos a Maria do Termo, de seu nome Maria Galante, levada um dia a Lisboa, para cantar com o Rancho de Folgoso, nas comemorações dos centenários. Levada por um poderoso senhor de Folgoso, o doutor Soeiro do romance, que viria a ser assassinado, tal como o seu modelo original.

Maria regressa já sem a voz fresca, porque na capital, “lá no inferno dessa Lisboa”, bebera espumoso, comera doces, inebriando-se na vida faustosa. Ainda por cima, pelo seu corpo “Um homem passara por ele como furacão”.

O Cartaxo que, a mando do patrão, ia de noite, com a intempérie, chamar à fábrica o motorista Maré para vir meter o carro na garagem, é episódio real, como verdadeiro é o suicídio do pai do Bruno.

A inveja está no conto “*A Galinha*”, o oportunismo em “*O Sexto Filho*”, a discórdia entre os povos de cima e de baixo em “*A Fonte*”, o analfabetismo e a teimosia em “*A Palavra Mágica*” (quem conta um conto...).

A sagacidade vamos tê-la no agricultor Alves a quem Mário quer comprar a capela. Primeiro diz que ela nada vale, para nada serve, “dava-a dada, se alguém a quisesse... Mas quaisquer três contos pagava aquilo.”

Depois de ver que o pintor está mesmo interessado, recua “Na súbita suspeita de um tesouro que não supunha.”

E os exemplos podem multiplicar-se.

Há uma Explicação curiosa que antecede a primeira edição de “*Vagão J*” e que reproduzimos na íntegra:

“Explicação

Fundamentalmente este livro procura ser uma experiência de aproveitamento da linguagem escrita do povo.

*

Se a sugestão é alheia a finalização creio que é minha. Como quer que seja, que outros levem a experiência a cabo estarei vingado.

*

Pode pôr-se em prosa um romance popular em verso.

*

Os valores de expressão do povo são o limite para que deveria tender a progressiva democratização da arte.

*

As classes sociais, como as fases da vida, têm um exclusivo de relações lógicas e de valorações, em harmonia como o ângulo donde se observa o mundo; a simples distribuição dos pontos finais ou vírgulas, numa carta de uma pessoa do povo, tem muitas vezes aí a sua raiz.

*

Nós que somos a prosa vil da nação não podemos entender a poesia do povo, anda Garrett a dizer há cem anos às modernas vestais da Arte com A maiúsculo.

P.S. Rigorosamente não há em literatura simultaneidade à Boyle-Mariotte...”

No entanto, no prefácio à segunda edição, o autor repudia aquela Explicação (ele próprio a traça a lápis no seu exemplar, riscando com mais veemência o P.S.), alegando que “ela não fala verdade. Ou não diz toda a verdade”. Fala então de que fora seduzido pela escrita popular, “com a sua desordem sintáctica, a distribuição inesperada dos valores nos períodos gramaticais, a imprevista pontuação.”

Daí que Vergílio Ferreira declare que nos livros seguintes abandonou essa via, embora patenteie um certo orgulho com a reedição de “*Vagão J*”, onde comparecem Joaquina Borrvalho – “centro unificador do seu mundo elementar”, seu irmão o Gorra – “que se arrancou ao reino dos bichos mas sem força para chegar ao dos homens”, o marido e os filhos, em especial António – “que há-de ser seminarista para eu lhe contar um pouco o que é já a minha história”, o Calhau – “tão vivido em bois”, a Maria do Termo e os grandes senhores.

Ainda em relação a “*Vagão J*” o escritor leu com atenção a transcrição de um passo da obra “*Les Paysans*” de Balzac, inserido no livro de A. do Prado Coelho sobre Camilo Castelo Branco. O escritor francês retrata assim a psicologia do homem rural:

“Os camponeses não têm, no campo dos costumes domésticos, nenhuma delicadeza. Não invocam a moral, a propósito duma de suas filhas seduzidas, senão quando o sedutor é rico e timorato. Os pequenos, até que o Estado lhes arranque, são capitais ou instrumentos de bem estar. O interesse tornou-se, sobretudo desde 1789, no único móbil das suas ideias: não se trata nunca para eles de saber se uma acção é legal ou imoral, mas se é aproveitável, lucrativa. A moralidade, que se não deve confundir com a religião, começa na abastança; como se vê, na esfera superior, a delicadeza florir na alma, quando a fortuna dourou a mobília. O homem absolutamente probo e moral é na classe dos camponeses uma excepção. Os curiosos perguntarão porquê. De todas as razões que se podem dar deste estado de coisas, eis a principal: Pela natureza das suas funções sociais, os camponeses vivem uma vida puramente material que se aproxima do estado selvagem, ao qual os convida a sua união constante com a natureza. O trabalho, quando esmaga o corpo, tira ao pensamento a sua acção purificante, sobretudo nas pessoas ignorantes.”

À margem do seu exemplar escreveu Vergílio Ferreira: “Observei-o no Vagão J”.

Criado neste meio, não admira que apareçam na sua obra vários relatos dos trabalhos agrícolas e artesanais. Aqui e ali temos o denodo do camponês, de sol a sol, a luta para conservar a sua courela, o cozer do pão na fornada colectiva, as secas do milho, a tira das batatas, o plantio do cebolo, a poda, o reboição das vindimas e o fervilhar do lagar, a fabricação do azeite, a matança do porco... Eis a ocupação da esmagadora maioria dos habitantes, pois poucos labutavam nas fábricas do Rego (na subida para Folgosinho), dos Moinhos da Serra (a caminho de Gouveia) ou da sede do concelho, na altura rivalizando com a Covilhã.

Vergílio Ferreira, para além dos elementos do campo, introduzirá frequentemente alguns animais, com particular relevo para o cão. A atenção e a ternura que dedica a este animal levaria a supor que, em casa, na infância e juventude tenha convivido com ele. Na realidade, só já homem casado é que teve por companhia um cão.

Vejamus o tal papel destacado do cão nos livros do escritor, desde os que uivam, “sujam tudo, roem tudo”, até aos que dão pelo nome de Tejo (“*Onde Tudo Foi Morrendo*”), Dick (“*Mudança*”), Fiel (“*O Cerco*”), Mondego (“*Aparição*”), Tirano (“*Cântico Final*”), Médor (“*Alegria Breve*”), Matraca (“*Para Sempre*”), Teseu (“*Signo Sinal*”). São os fieis companheiros dos protagonistas, por vezes o interlocutor único.

Tejo, “velho e pesado canzarrão”, firme junto ao dono já morto. “Tirano descia a minha rua, solene, calmo, como era de sua natureza.” Mondego acompanhará

a morte do dono e será Alberto a enterrá-lo, “para que fosse amortalhado em ternura, para que a última voz da terra a falar-lhe fosse uma voz de aliança”, por alturas do Natal: “quando Cristo nascia entre cânticos e luzes, Mondego balançava de uma trave o seu corpo leproso, banhado de luar.”

Junto à praia, Jorge convive com um cão “perdigueiro e guedelhudo, castanho” (“*Nítido Nulo*”); em “Rápida a Sombra”, um cão sem nome “zigueza-gueia incerto, farejando”; Dick, companheiro de Carlos, acaba atropelado e recriminado pelo dono:

“– Foi o diabo, Dick, tinha-te avisado. O quintal é pequeno, está bem. Mas chegava para umas horas. E está um frio bruto, Dick. A casota tinha palha nova. Roeste a corda, acabou-se.”

(“*Mudança*”)

Na praia, surge junto do protagonista um cão a quem seria dado o nome pomposo de Teseu que passará a ser o seu companheiro, com direito a múltiplas interrogações:

“– Tu que pensas, Teseu?
Teseu deita-se ao comprido da areia, cerra os olhos sobre a sua meditação.”

(“*Signo Sinal*”)

Médor, à sua conta, preenche todo um capítulo – o XVIII de “*Alegria Breve*”. Um “cão reles, surrado a fomes e abandonos. Tem o pêlo amarelado, não de um amarelo de origem, mas do das coisas que envelheceram.” É um cão humanizado (“Olha-me apenas com infinita piedade”) que será abatido por Jaime:

“Mas ele parou de mastigar. Terei de matar-te na angústia? Estamos sós. Que tudo se cumpra na simplicidade deste vazio. Mas é inútil insistir: ele fita-me, fita-me. É preciso ser forte. Estamos prontos e irredutíveis: ele a aceitar, fechado em memória e em acusação; eu a negar, cerrado na minha pureza absoluta. E então o meu dedo toca no gatinho”.

Matraca, o companheiro de Paulo em “*Para Sempre*”, “cão grande e velho, tem cor de cão, uma cor indefinida e suja de um negro acinzentado... É um nome fúnebre. Mais fúnebre que qualquer outro porque lembra a morte da divindade”.

Em resumo, “O cão é o homem em melhor. É a moral mais perfeita porque é feita de deveres sem direito”.

Excepção a todo este tipo de cães, existe o Policarpo (“*Até ao Fim*”), exemplar único citadino, propriedade de dona Mercedes, cão velho, sofre do coração, de capote no Inverno, tem direito a um funeral digno dos humanos, ironicamente relatado assim:

“Podemos então levar o Policarpo até à sua caminha já feita. Dona Mercedes quis ficar até ao fim. Na pedra tumular levaria as datas do nascimento e morte. E à cabeceira o esmalte do retrato.”

Em plena comunhão entre a Natureza e a gente rural, Vergílio Ferreira ergue um verdadeiro hino, aqui poetizado:

“Mas quando abro a janela. Vem do fundo das leiras, talvez de baixo, da ribeira, abre-se à amplidão do espaço – canta, quem és? ‘Ó minha amora madura, quem foi que te amadurou?’ – sei a canção, canta! Pelo infinito dos milénios, a tua voz pura. ‘Foi o sol e mais a lua’ – na tarde imensa da minha solidão. Oh, não sofras. Arrasta-se o canto como através de um templo. Anúncio da alegria que não morre, vem do lado de lá da vida, que trabalho agora no campo? Canta. A apanha do milho, talvez a tira das batatas. É um canto com um ritmo de igreja. Deus mora ainda na sua infinitude, ‘foi o sol e mais a lua e o calor que ela apanhou’ – com um ritmo de eternidade”.

(“*Para Sempre*”)

Aqui. A gente da Serra.



“É que a igreja de Melo, onde me fiz cristão, foi erguida precisamente no ano em que terminaram as guerras da Restauração”

(“Conta-Corrente 14”)

Aqui.

Melo, além da Igreja Matriz onde Vergílio Ferreira foi baptizado, ostentava outrora também as capelas de S. Domingos, Nossa Senhora da Conceição, Santa Marta, Nossa Senhora da Ribeira (ou das Almas), S. Caetano, Santa Eufémia, Senhor do Calvário, Santo António e Misericórdia. Actualmente estão abertas ao culto a Matriz e a Misericórdia, presenças constantes nos seus livros, que a elas se ligou intimamente, por via da educação religiosa.

Da Capela de Santo António fala-nos da primeira vez que aí entrou, a caminho da Romaria de Santa Eufémia e onde viu um relicário com um osso de um mártir, patenteando um documento de Roma a autenticá-lo datado de 1742. Refira-se ainda que na Capela-Mor da Matriz está sepultado Dom José António Pinto de Mendonça Arraes. Durante anos e após a Terceira Invasão Francesa governou o Bispado da Guarda, residindo no Paço.

Na Igreja Paroquial existe uma imagem de Nossa Senhora de Fátima em cuja peanha se lê que foi oferta de Josefa O. Ferreira. A Capela da Misericórdia está associada à história do Manelzinho – o Doido da Belo:

“É uma capela à beira da rua, tem uma sineta cravada na parede com uma armação de ferro. O Doido procura um sapato velho no lixo, depois atira-o à sineta, tenta prendê-lo ‘engalhá-lo’, num dos varões.”

(“Alegria Breve”)

Aí está também a imagem do Menino Jesus Capitão:

“De um dos lados, o direito para quem olha, porquê este menino vestido de militar? Tem um chapéu bicórnio, influência napoleónica? uma casaca e calção.”

(*“Até ao Fim”*)

Os eventos religiosos, vividos desde a meninice pelo futuro escritor, inspiram-lhe inúmeras páginas, com destaque para as procissões, os enterros, as missas, as festas tradicionais da Páscoa, Senhor do Calvário, Natal. A visão desses tempos é-nos dada por Paulo, o narrador de *“Para Sempre”* ao falar da sucessão do preceituado religioso: “Natal, Páscoa, os Domingos, dias santos... baptismo, crisma, casamento, enterro...”

Paulo começará a ter o que considera “objecções heréticas” e expressá-las às tias. Também um dia Vergílio Ferreira afirmará o seu passado católico como crente. Deixou de o ser, sem saber explicar as razões. Passou a agnóstico.

Todo o ambiente festivo vigora na procissão descrita em *“Onde Tudo Foi Morrendo”* com o padre Vasco, mordomos, andores da Senhora do Rosário, Santo António e de S. Pedro, este submergido na grandeza da sua barca: “Quatro valentões, plenos de força animal, alombavam com o peso do batel coberto de renda cor-de-rosa, pespontada de estrelas”. A procissão dava três voltas ao Cruzeiro e o bêbado Quartinha deitava os foguetes. Sintetizava assim o acontecimento: “A procissão era o espectáculo mais curioso da festa”. Acrescente-se a maré das promessas e aí temos em pleno a religiosidade das gentes do povo.

A grande romaria é a da Santa Eufémia que Vergílio Ferreira recorda em *“Alegria Breve”*. Ouçamo-lo na *“Conta-Corrente /1”*:

“Hoje fomos à romaria de Santa Eufémia. Tenho-a em *“Alegria Breve”*. Restos de um passado em que tudo vai morrendo. Belos espaços livres para todo o lado com a serra ao longe e nuvens lentas flutuando em volta dos cimos. E foi tudo. Das vendedeiras de outrora, só uma mulher com tremoços. Comprei e comi, com a memória de outrora a ajudar.”

Era então famosa e atraía os romeiros das redondezas, que entoavam cantigas como esta:

“– Milagrosa Santa Eufémia
dizei-me aonde morais.
– Moro para além da ribeira
no meio dos olivais.

– Guardai-me a minha azeitona
Não ma comam os pardais.
Comam uma, comam duas, comam três
Não mas comam mais.

– Milagrosa Santa Eufémia
quem vos *barreu* o terreiro?
– Foram as moças de Melo
com um raminho de loureiro.”

O Natal conquistou Vergílio Ferreira desde miúdo, primeiro nos mistérios da infância, depois nas questionações da existência de Deus. O Natal é poesia, é música, é sonho. Daí que as páginas do escritor revelem toda a ternura da festa e ele, que desde cedo fez “versalhadas”, reproduziu as saudosas cantilenas vindas ao longo do tempo e que até nós chegaram:

“Do varão nasceu a vara,
da vara nasceu a flor,
da flor nasceu Maria
de Maria o redentor...”

“Roxozinho está deitado
em palhinhas Deus infante.”

Na página de 24 de Dezembro de 1980 do seu Diário, Vergílio Ferreira evoca o ambiente natalício da sua terra:

“Assim, de Melo veio a lembrança mais remota e o enquadramento de quantos Natais eu tive. Regresso ainda aí e o que se desenha é logo uma noite límpida e um frio que nos retrai ao íntimo de nós. Às vezes havia neve e tudo então era perfeito para a evocação de depois. E para a alegria que isso dissesse, há memória dos cânticos que ressoam ainda de mais longe. Falam de um menino que nasceu e da nossa própria infância que dele nasceu e da sacralização do tempo e dos começos da vida que começa antes de ter começado. O Natal é assim a legenda do que nunca existiu, do mistério da iniciação, da memória absoluta.”

É agora a altura de trazermos a sua poesia “Noite de Natal”, endereçada ao senhor Fernando Pessoa, incluída em “Conta-Corrente /2” e mais tarde em “Uma Esplanada Sobre o Mar”:

“Da noite nua e nevada
que a distância me dilui
vem-me a legenda de nada
que em tudo o que foi influi.

Porque o Natal verdadeiro
que em saudade me revelo
só é Natal por inteiro
no que está para além dele.

Assim o encantamento
do que existe e não se vê
é em nós o chamamento
do máximo que nunca é.

Esquece-o e apenas sê.”

Talvez que a presença mais marcante de um templo na ficção de Vergílio Ferreira seja a Capela da Senhora da Noite, pelo que representa na busca da realização da Beleza. Mário concentra na concepção da sua pintura todo o seu íntimo de artista e homem, é a obra prima, a derradeira:

(...) “Relembra a Capela que dali não podia ver, imaginava-a vestida de neve, pequena e solitária entre o vasto augúrio do silêncio, frágil sinal da radiação divina através do amor e da morte, da aparição da beleza e do sonho, rasto obscuro da presença de um homem sobre a terra num instante fugitivo dos milénios, – relembra-a envelhecendo, consumindo-se através dos séculos como os sonhos dos homens que diante dela sonhassem, como a memória, um dia, das suas paredes desmoronadas sobre o solo nu da montanha, sob os ventos e os astros na imóvel solidão... E alguma coisa assim lhe parecia de novo que estava certa, porque sentia que esgotara a vida nesse encontro com a sua verdade original, com a evidência primeira, que nada mais havia a saber e a assumir, que a morte lhe era perfeita como um limite. (...)

(“*Cântico Final*”)

Aqui. Em Melo, a Igreja onde se fez cristão, embora não exista a folha de registo. Apenas conhecemos tal facto pela certidão que o acompanhou na entrada do seminário.



“E de súbito a minha lembrança
estremece à vibração de um violino”

“Para Sempre”

Aqui.

Tudo começa no momento em que o padre António de Jesus Hipólito Parente vem paroquiar Melo (1925) e aí organiza uma Tuna. Homem dado à música, poucos anos depois, já na então Vila de Gouveia, fundará uma escola de Música e um Orfeão de saudosa memória.

Ensina o miúdo a tocar violino. A tia Lalinha leva-o aos ensaios no salão da Misericórdia e por ele espera na casa de Amélia, chamada casa das beatas, supostamente pertencente à tia-avó Dulce, a do álbum de fotografias.

De tal modo o gosto pelo instrumento se insinua que Vergílio, quer então, quer depois na juventude, sonha ser violinista ou, pelo menos, saber tocar bem, desejo que, em sua opinião, não terá conseguido.

No entanto, diz que “A guitarra e o violino foram um meio da minha realização juvenil e o horizonte de alguns sonhos mais viáveis” (“*Conta-Corrente /3*”).

Já no Seminário, aperfeiçoa os conhecimentos musicais e aí tocará também flautim; em Coimbra enveredará pela guitarra, viola e, claro, o violino.

Miúdo, abrihantará na sua terra as récitas católicas, como testemunha o padre Parente, na carta de recomendação que envia ao Seminário.

A música, a eterna, faz parte integrante da obra de Vergílio Ferreira.

Expende aqui e ali os tais conhecimentos, servindo-se de alguns dos seus narradores:

“Semibrevés, mínimas, semínimas, cocheias e mais, e os tempos de cada uma, e os compassos desde o quaternário”.

(“*Para Sempre*”)

Cita amiúde os grandes compositores: Bach, Beethoven, Chopin, Tchaikovsky, Mozart, Schubert, Liszt, Haendel, Wagner... e, os grandes violinistas:

Paganini, Heifetz, Sarasate, David Oistrac, Yehudi Menuhin...

Emociona-se com Bach – “música do infinito e do sem-tempo”. Também com Haendel, um pouco abaixo do sublime Bach “que vale Mozart e meio”. De Wagner salienta a “força e grandeza empolgantes”, bem patentes no “Crepúsculo dos Deuses”.

Em “Para Sempre”, a Avé Maria de Schubert percorre a sua infância, o “Lago dos Cisnes” de Tchaikovsky desliza pelo “Cântico Final”: Mário, perante a tertúlia, escolhe a abertura de Tannhäuser, “aquela exaltação dos grandes espaços”, enquanto Cipriano prefere a “severidade de um Bach, de um Mozart”. Elsa bailava, Paula estudava Bartok. O juiz aposentado, vivendo no Lar, delicia-se a ouvir um concerto de oboé. (“*Em Nome da Terra*”). Turina e Granados são os preferidos de Carmo, em “Apelo da Noite”.

No início de “Rápida, a Sombra”, Júlio põe a tocar um disco, a música “Amanhecer”, ao mesmo tempo que o sol beija na prateleira o livro “História da Música”. No romance “Até ao Fim” a orquestra executa “Requiem por um Milénio”.

E a adorada Cristina de “Aparição”? Interpreta Bach, Mozart, Beethoven, Chopin:

“Entro também na sala, instalo-me num sofá, de modo a ver a face de Cristina. Do alto de uma janela, à esquerda do piano, desce a última claridade da tarde. E é para mim uma aparição essa alegria que me ignora e sorri da luz para Cristina, para os objectos na sala.

Toca ainda, Cristina. E que estarás tu tocando? Bach? Mozart? Não sei. Sei apenas que é belo ouvir-te tocar nesta hora breve de Inverno, neste silêncio fechado como uma pérola.”

Jaime toca no seu giradiscos “Os Quatro Elementos”, música que devia ser o hino dos ateus e, depois, as quatro peças para dois pianos, com “o título geometrizado de ‘Esquemas’” (“*Alegria Breve*”).

Os baladeiros pós-Revolução são convocados a actuar (“*Signo Sinal*”) e a filarmónica “Brados de Aurora” comparece com os seus trinta e cinco elementos, até restar o tio Ângelo que, mesmo só, sai à rua fardado a dar as notas soltas no seu bombardino, seguido pela garotada (“*Rápida, a Sombra*”).

A música, a eterna, aparece também no canto dos humildes, da “voz fresca” da Maria do Termo “à voz negra” do Gaviarra – nas canções da “desgraça da

terra beirã”. E que poder têm a VOZ, o SILÊNCIO, a PALAVRA na obra de Vergílio Ferreira!

Esses cantos são a alma da própria condição secular do homem que o escritor guarda para sempre na memória:

“E para um olival distante gente escura canta. Fecho os olhos ainda, e escuto.
É uma música antiga, da idade da terra, da idade do destino dos homens”

(*“Aparição”*)

É “essa canção de nada”.

Mas recuemos ao tempo de infância e, através de Paulo do “Para Sempre”, Vergílio apresenta-nos o seu instrumento predilecto. “Belo...”

“Nunca meti o meu violino na cavaqueira romanesca. Vai agora no **Para Sempre**. Há um prazer único e subtil na união com o instrumento e que tentarei exprimir. É uma fusão íntima que se estende para lá dos dedos, das mãos, como se qualquer coisa faltasse aí e fosse necessária para nos completar, como se a extensão do nosso corpo fosse até ao violino e a sua ausência dos nossos braços fosse como se deles nos sentíssemos amputados. Há uma cena que vou meter no romance e é quando o narrador está doente na cama e pede a uma tia que lhe abra a caixa do instrumento e a ponha ao alcance dos seus olhos ou lhe ponha o violino ao alcance das mãos e ele possa pisar as cordas com os dedos. Isto parece-me tão intuitivo, tão espontaneamente natural, que decerto algum escritor o deve ter já contado. Paciência. O que ele absolutamente não contou foi o meu próprio prazer de isso se passar comigo, de eu sentir nos meus dedos o gosto de pisar as cordas, de eu sentir (de eu ter sentido) o instrumento nas mãos como quase se sente um corpo de mulher...”

(*“Conta-Corrente 13”*)

Na casa onde se criou, o violino descansava num “cubículo de arrumos, a porta empenada, pintada de tinta grossa, rosa-pálido...” Violino pequeno, de três quartos, mais tarde substituído. Curiosamente, ainda hoje a porta continua com a mesma “tinta grossa, rosa-pálido...”

Em Coimbra, continua o seu amor pela música e prefere ingressar na Tuna da Academia, deixando de lado o seu jeito para representar que poderia levá-lo ao TEUC. Não o fez, alegando para tal a timidez, problemas de saúde e um certo “ar secreto ou esotérico que tinha aquele agrupamento”.

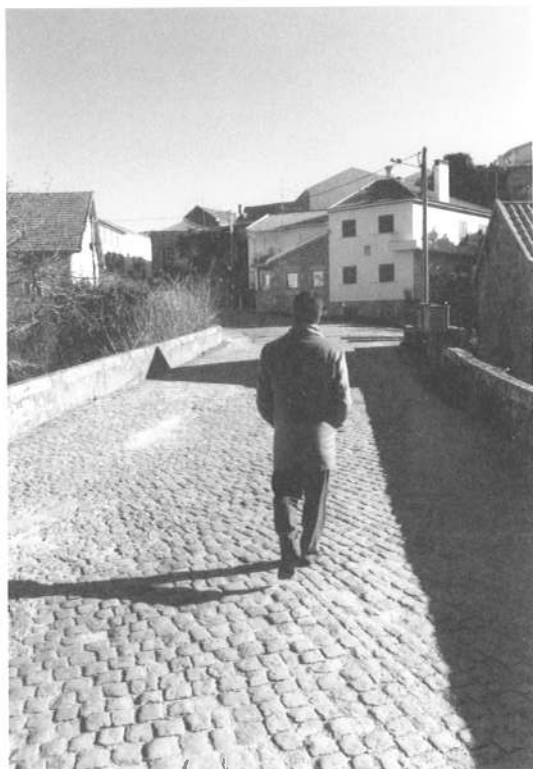
A balada coimbrã vibra nela, ao longo de toda a vida e a ela, como à cidade, consagrou inúmeras referências (poucos terão ainda reparado que Vergílio Ferreira é um dos autores com mais páginas dedicadas a Coimbra).

E foi embalado pela guitarra (admirador confesso do virtuosismo de Artur Paredes), pela viola e pela voz dos cantores que Vergílio Ferreira chegou ao discurso final de agradecimento no Doutoramento Honoris Causa pela sua Universidade, em Novembro de 1993:

“De Coimbra disse eu um dia que só o ressoar do seu nome tem já um timbre de guitarra. Consinta-se-me a ousadia, que espero se não julgue irreverência, de a este solene cerimonial e à evocação do meu passado eu os envolver a ambos no doce enlevo de uma balada...”

(“Espaço do Invisível 15”)

Tudo começara com o padre Parente. Em Melo. Aqui.



“Regresso, pois, a casa, regresso à aldeia. Oh, sim, vão sendo horas. Abrando a marcha à entrada da ponte, viro à esquerda. Abrando pela rapidez da curva, não apenas, mas pela voz grave que vem do disco e me afunda até ao cansaço absoluto.”

(“Rápida, a Sombra”)



Aqui.

Aqui regressam os protagonistas da ficção vergiliana – “apenas homens” – , à velha casa, à aldeia, ao “espírito do lugar”. Denominador comum na obra de Vergílio Ferreira, desde o início da sua aventura literária, aqui temos o retorno às origens, na comunhão entre o começo e o fim, muito afecto ao sentimento lusitano, num povo habituado a correr as sete partidas, sempre no desejo de um dia regressar. E neste retorno, os narradores vergilianos estão sós (as mulheres faleceram). Acompanham-os a evocação da infância e as cogitações de ordem metafísica, a solidão, a angústia, o silêncio.

“– Volta.” É o apelo repetido do pai ao filho no conto “*Carta*”, enquanto a mãe sabia “que tudo estava certo com a vida: o nascer, o partir, o morrer”.

“Vou escrever-lhe: vem!”. Outro chamamento do pai ao filho que há-de nascer e regressar a casa: “entra, entra em tua casa, tu és daqui”.

(“Alegria Breve”)

Alguns não puderam cumprir esse desígnio, mas muitos voltaram. Em “*Mudança*”, Carlos vai ao casarão de Vilarim, onde tudo está praticamente na mesma: “Carlos sentia em tudo a presença imóvel dos tempos de infância, como se ali não tivesse crescido até ser homem”.

Mário, professor por necessidade, pintor por vocação, minado pela doença regressa à aldeia e à montanha. Só, abandonando as tertúlias citadinas, volta para construir a sua derradeira obra, corolário de toda uma vida, o “*Cântico Final*”. Está só: “Velha casa. Velha gente. E eu só, aqui erguido com a minha interrogação inútil”. Pode morrer em paz:

“O primeiro nevão aparecera com anúncio do Inverno; e durante dias não cessou a dança fantástica dos flocos brancos na distância raiada do horizonte. *Lago dos Cisnes*, aceno longínquo, aceno de sempre. Através das janelas do seu quarto, Mário assistia pela última vez a essa visita de uma certa inocência maravilhada – dádiva miraculosa dos velhos contos de fadas à pobreza da montanha, ao seu pobre corpo destruído. Mundo insondável das finas vibrações, lúcida visão de um riso de outrora, fugidio aceno de uma verdade de origens – como vos amo, como vos lembro!”

Alberto Soares escreve a sua história de “*Aparição*” na velha casa “enorme e deserta”:

“Sento-me aqui nesta sala vazia e relembro. Uma lua quente de fim de Verão entra pela varanda, ilumina uma jarra de flores sobre a mesa. Olho essa jarra, essas flores, e escuto o indício de um rumor de vida, o sinal obscuro de uma memória de origens. No chão da velha casa a água da lua fascina-me. Tento, há quantos anos, vencer a dureza dos dias, das ideias solidificadas, a espessura dos hábitos, que me constrange e tranquiliza. Tento descobrir a face última das coisas e ler aí a minha verdade perfeita. Mas tudo esquece tão cedo, tudo é tão cedo inacessível. Nesta casa enorme e deserta, nesta noite ofegante, neste silêncio de estalactites, a lua sabe a minha voz primordial.”

Jaime Faria de “*Alegria Breve*” inicia a sua narrativa, afirmando que acabara de enterrar sua mulher no quintal, assiste ao brilho da aldeia por causa do ouro negro e, depois, ao abandono total:

“Voltamos para a aldeia já tarde. Levo Águeda até casa, para lá do cemitério. Ela corre pelo jardim coberto de ervas, entra em casa de portas abertas. Quando já vou longe, ela chama-me aos gritos. Não me volto, regresso à aldeia. Dezenas de casas fechadas, ruas inteiras vazias. Ficaram só os velhos”.

Está só, percorre a aldeia só. Com ele “o chão da sua origem”(…) “a minha iniciação através das raízes”... Águeda diz-lhe para voltar com ela – “*Para Sempre*”. “É o ar das origens” (...) “só em face do universo. Reconstruir tudo desde as origens, desde a primeira palavra.” (...) “Tudo está viciado em mim desde as origens”...

E num assomo, Jaime clama, esperançoso:

“O homem não morreu! O homem tem o futuro na frente! Como se pode pensar que o homem é uma espécie extinta? A aldeia está aqui. Algumas casas estão em mau estado, sem dúvida. Mas como é que se pode pensar? Quando o meu filho vier, então eu...”

É em “*Alegria Breve*” que o autor recorre ao retrato autobiográfico:

“Nasci a 28 de Janeiro de 19... às três horas da tarde de uma sexta-feira, dizia minha mãe. É a hora de Cristo, dizia minha mulher.

(...)

Era o começo do Verão, talvez, minha mãe e a mãe dela subiam a rampa para a missa de domingo. E um momento, minha mãe hesitou com uma inesperada tontura. Parou, apoiou-se a minha avó:

– Não sei o que tenho, minha mãe.

Ela varou-a de iluminação e alarme:

– Não me digas! Não me digas que já arranjaste outra desgraça.

A ‘desgraça’ era eu.”

O narrador de “*Nítido Nulo*” traz à memória a “velha casa e a tia Matilde e a criada Dolores e o gato, velha casa”:

“Numa manhã limpa de Inverno – regresso à infância, a evocação abre subitamente dentro de mim. A ternura afoga-me, um sorriso triste, um abalo profundo no quente do meu sangue à evidência brusca da morte”.

Segue-se o relembrar da velha casa, com os pobres a pedir e para tal tinham de rezar pela saúde e salvação dos donos. Recordar-se de um mendigo que não quis rezar e proferiu a sua revolta contra o mundo. O narrador ocupa-se, durante algum tempo, a evocar a dramática cena da partida dos pais e da irmã, para concluir: “Estava só” (...) “Estava só comigo mesmo. E isso é terrível.”

Note-se que no presente romance o próprio Vergílio Ferreira é chamado a pronunciar-se (“Você o que pensa, Vergílio Ferreira?”), facto que não foi compreendido por alguns leitores.

E mais uma vez o narrador dirá: “Estou só.”

O escritor Júlio Neves também regressa às origens, à casa, à aldeia:

“Uma flauta passa entre a floresta de cordas. Ressoa solitária, onde? Pelos montes, pelos vales, responde em amargura à alegria que vai ouvindo. Suave melancolia tão cheia de horizontes. Voz da noite no claro amanhecer. Um momento escuto-a na garganta difícil, nos meus olhos vencidos. Toca. De monte a monte, no mais secreto da aflição. Regressar às origens – regressa à tua origem. Afastado dos humanos, entre o silêncio dos mortos, fundido à germinação escura da terra, no revolver interno da seiva e do estreme. Uma flauta ressoa aos confins da vida. Intensa, profunda. Excessiva”.

(“*Rápida, a Sombra*”)

Constantes, os apelos:

“Regressar à origem ao silêncio dos mortos, ó morto.” / “Regressar às origens – regressa à tua origem.” / “Regressa à tua casa, à tua aldeia, vão sendo horas.” / “Regressa à tua origem, uma flauta te chama, ressoa à infinitude do horizonte.” / “E em vistas disso, vou embora para a aldeia. Vou definitivamente – recolhe-te à tua origem, tudo findou.”

Luís Cunha, o narrador em *“Signo Sinal”*, está na terra mãe, no seu chão destruído por um sismo. Dialoga com o Arquitecto sobre a reconstrução da aldeia (Melo), assiste às obras que demoram infinitamente:

“Estou aqui, no chão que me pertence, o passado e o futuro de todo o meu percurso, terra da minha origem, da minha condição. Os construtores do futuro, idos, partidos, talvez que nada nas suas mãos a realizar. Mas a minha esperança, a minha urgência, um dia, um dia. Aqui, no lugar do nosso destino comum.”

E ele evoca: “Terra mãe. Lugar da origem e da morte, minha vocação humana.” / “Minha aldeia – ó infância, terra da minha aprendizagem...” / “Ó infância de quando?” / “Ó infância perene, lembro-me.” / “Sepulta no silêncio toda a aldeia – eu só!”

Veementemente, Paulo, bibliotecário aposentado, casado com Sandra, cidadina que detestava a aldeia, afirma a sua presença junto da velha casa:

“E então olho pela janela – que fazer? Recuperar todo o espaço do meu reino. Rei expulso, degradado, eu. Mas não é um exílio, és daqui, a terra última da tua condição.”

(“Para Sempre”)

Remata: “Aqui estou. Na casa grande e deserta. Para sempre.” Ouvindo o grito que vem das origens do mundo e da montanha.

Em *“Até ao Fim”*, romance passado na capital, o jornalista Cláudio revê o seu retorno à aldeia, à casa dos pais, desce na estação (Castanheira), toma a camioneta do Leonel (o verdadeiro nome do motorista era o gouveense Leote), e apeia-se na Encruzilhada (lugar do Salgueiro – Olas). Segue depois a pé até Melo na companhia do Martinho. Lembra-se da sua infância e adolescência na aldeia, do jogo da douradilha na alfaiataria do Mimoso, das idas à ribeira, da loja do Churro e do quadro da Senhora da Misericórdia, que, periodicamente,

mente, saía em procissão. Aqui aparecem as referências a Folgoso, na figura do Policarpo correio e a Nabaínhos, com o caçador Caporra, mais conhecido por padre Caporra.

Oriana morreu. Cláudio: “Eu só.”

Só. Só fica o Juiz do romance “*Em Nome da Terra*”. A família aí o deixara, só, acompanhado pelo Cristo estropiado e pelas recordações. E sempre com o desejo incontido de ser visitado pela mulher, já morta: “Se tu viesses”, apelo nostálgico constante: “E de súbito dei conta que estava sozinho. Olhei ao lado e tu não estavas. Sozinho.”

“Estou verdadeiramente só, minha querida. Ou não bem isso, não sei. Está-se só quando há qualquer coisa de nós à volta para haver a diferença e distanciação.”

Continuando a história de “*Para Sempre*”, Paulo revê-se em “*Cartas a Sandra*”. É da aldeia que Paulo escreve à sua querida Sandra, já falecida:

“Quando resolvi vir para a aldeia Xana disse-me não vás. Tens aqui os teus amigos, estou eu e o miúdo, vais ficar doido naquela solidão.”

No entanto, ele regressou:

“Terra da minha origem, repousar enfim nela, reencontrar aí o que me seja de verdade no envelhecer.”

Os vários volumes de “*Conta-Corrente*” apresentam inúmeros exemplos de todo este universo de retorno às origens, à montanha, à casa, a Melo. Recordações. Evocações. Infância. Vida e morte. Solidão. Regresso.

Busquemos nos últimos livros de reflexão de Vergílio Ferreira pensamentos sobre aqueles ciclos da vida:

“Ao princípio houve decerto em ti um impulso para seres depois o que foste. Não o sabes. Nem quando o houve. Talvez na infância, que é quando normalmente acontece o que há-de acontecer. Um afecto, uma humilhação. Não os encontras depois no que foste depois. São o invisível de um alicerce. Não o queiras ver para não vir a casa abaixo.”

(“*Escrever*”)

“Vida finda, hora do balanço. Hora ao menos de recordar. O passado ficou assim reduzido quando muito à sua essencialidade. Uma certa hora de Verão,

de Inverno, uma certa lua ao nascer, o rumor do vento. Tão pouco isso que é tanto. Porque é o tudo que isso resume e fica em nós como a ressonância do silêncio que por tudo isso se estende.”

(“Escrever”)

“A diferença que separa a recordação da evocação é que a recordação não tem alma.”

(“Pensar”)

“Regressa à tua arte. Não se tem mais público por se estar em público, apenas se é mais público. A arte nasce de uma solidão e dirige-se a outra solidão.”

(“Pensar”)

A 28 de Março de 1988 escrevia Vergílio Ferreira no Livro de Honra da Câmara Municipal de Gouveia:

“Regressar de vez em quando aqui é naturalmente recuperar na idade. Assim é esta a melhor forma de a juventude se não perder de todo.”

Retorno às origens.

Aqui.



“Eis-me aqui de novo erguido à minha face com a minha pergunta inútil e a minha raiva inútil. Nascer, viver, morrer. Meu corpo de maravilha. Meus olhos. Minhas mãos. Sinto-me todo presente a mim próprio, como é possível morrer?”

(“Cântico Final”)



Aqui.

“Aqui estou... Para Sempre.”

Vergílio Ferreira regressa para sempre ao seu torrão natal, na tarde de 2 de Março de 1996. Tinha falecido, na véspera, em Lisboa:

“Quero ir para Melo em cadáver inteiro. E consumir-me lá a ouvir o vento do Inverno. Paz ao morto presente. Paz ao meu morto futuro. Ámen.”

(“Conta-Corrente / Nova Série II”)

Para trás fica toda uma vida dedicada ao ensino e à literatura. E se os seus alunos o recordam como mestre exigente e sabedor, os leitores admiram-no pela profundidade do pensamento, prosa versátil, riqueza estilística, humanismo nas situações e personagens.

Interrogamo-nos que futuro reservaria a vida a Vergílio Ferreira, caso tivesse permanecido apenas em Melo, sem a possibilidade de novos horizontes. Ele próprio respondeu que eventualmente seria um poeta popular à maneira de António Aleixo.

Mas o certo é que enveredou por outras perspectivas e nos deixou uma obra marcante nos vectores de ficção, ensaio, reflexão e diário, reconhecida pelas sucessivas edições, traduções em várias línguas (espanhol, francês, holandês, alemão, russo, polaco, italiano, búlgaro, checo, grego...), honrarias, prémios, inúmeros estudos e teses e a instituição de dois prémios literários com o seu nome.

Recebeu:

Prémio Literário Ribatejano (Conto “O Sexto Filho” – 1945), Prémio Camilo Castelo Branco (“*Aparição*” - 1960), Prémio da Casa da Imprensa (“*Alegria Breve*” - 1965), Prémio do Pen Club, da Associação Internacional de Críticos Literários, do Município de Lisboa (“*Para Sempre*” – 1983/84/85) e Prémio D. Dinis da Casa de Mateus (1983), Prémio Antena 1 (duas vezes), Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (“*Até ao Fim*” – 1988), Prémio Femina (“*Matin Perdu*”, tradução francesa de “*Manhã Submersa*” – 1990), Prémio Pen Club (“*Em Nome da Terra*” – 1990), Prémio Europália (conjunto da obra – Bruxelas – 1991), Prémio Bordalo da Imprensa (1992), Prémio Camões (1992), Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (“*Na Tua Face*” – 1993).

Labor intenso que lhe merece o comentário de que entraria no Paraíso a escrever... Faltou-lhe o Nobel. Muitos pensam que o merecia.

A Universidade de Évora, em sua homenagem, confere, anualmente, o Prémio Vergílio Ferreira a um escritor com obra feita. Por seu lado, a Câmara Municipal de Gouveia premeia, também anualmente, um original e já galardoou Margarida Gonçalves Marques (“*Um Dia Depois do Outro*”), Ascêncio de Freitas (“*A Reconquista de Olivença*”) e Luís Rosa (“*O Claustro do Silêncio*”).

Trata-se de uma forma significativa de homenagear o escritor do concelho, com justo direito a ser patrono da Biblioteca Municipal – instalada no antigo Solar dos Marqueses de Gouveia, na principal Praça da cidade – com o seu busto mesmo em frente, obra do escultor Fernando Fonseca. No dia 10 de Setembro de 1995 as novas instalações da Biblioteca foram inauguradas pelo então Presidente da República, Mário Soares, acompanhado do escritor.

Para sempre, aqui fica a Biblioteca particular de Vergílio Ferreira, doada como seu desejo pela esposa, Regina Kasprzykowski.

Constituída por milhares de volumes, eis um manancial de obras, à disposição dos estudiosos. Consultando-a, veremos os seus livros de estudo, as primeiras aquisições em que avultam os brasileiros Lins do Rêgo, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, os americanos Steinbeck, Dos Passos, e todo o Eça.

Centenas e centenas de livros com dedicatórias dos autores, onde se avalia a amizade e camaradagem entre colegas e por vezes as perturbações por que essas relações passavam. Compulsando-os, chegamos à conclusão de que nem o mais ínfimo pormenor escapava à sua atenta leitura, nem gralhas nem

omissões, não se coibindo de fazer as mais diversas observações, a lápis naquela sua letra miudinha, observações que vão do espanto à ironia e ao sarcasmo, do comentário ligeiro à reflexão sólida.

Abundam nesses comentários as interrogações, as exclamações (“ah!”, “oh!”, “claro!”, “cá está!”, “não! não!”, “boa!”) a par de anotações pouco lisonjeiras, como “Que pedante!”, “Que chata”, “Que ideia! Venha a polícia”, “Chíça, gaita, merda, porra!”, “Ah sim? Já te chegou também a mosca”.

Eis Vergílio Ferreira ao natural, no convívio com os amigos. Não é o homem tristonho das fotografias e das imagens televisivas, é o homem da piada, capaz de contar a sua anedota, com a *verve* dos episódios de “*Conta-Corrente*”.

Encontramos muitos livros em que o escritor, logo na primeira página, os sumaria ou faz considerandos sobre o seu conteúdo. Aqui e além, surge a ironia em notas como a seguinte: a propósito de determinado escritor que “cruzou os mares em muitas direcções” escrevia Vergílio Ferreira “e não viu nada...” e do livro de um colega por quem não morria de amores (no que era retribuído) colocava “Este livro parece a sala de troféus do Benfica”.

Mais um exemplo. Analisando um trabalho do seu amigo Eduardo Lourenço, conclui: “Belo estudo, perspicaz mas excessivo. E se Régio fosse tão grande como Pessoa? Lá se ia o ensaio... mas não é.”

Também podemos admirar o perfeccionismo a que aspirava, notoriamente no conto “*O Encontro*”. A primeira versão de 1948 foi alterada, quase na íntegra, no que diz respeito à ordenação das palavras e na substituição vocabular.

Exemplos:

1ª versão – “Ergueu o sobrolho num sorriso convidativo”.

2ª versão – “... num sorriso envolvente.”

1ª versão – “O rapaz sorriu, condescendente.”

2ª versão – “... com tolerância.”

1ª versão – “A princípio o povinho embasbacava, estudava-o sossegadamente de alto a baixo, comentando, e os garotos formavam-lhe atrás um rebanho de escolta.”

2ª versão – “... fazendo comentários em voz alta e os garotos, admirados daquele estranho, atormentavam-lhe os passos como um furor de moscardos.”

Estamos efectivamente perante um património inestimável, à disposição dos estudiosos da Língua e Literatura Portuguesas. O professor Hélder

Godinho, num artigo publicado na Revista “*Ave-Azul*” (Inverno – Primavera - 1999-2000), sintetiza assim o valor da doação à Biblioteca Municipal:

“Um elemento importante é a biblioteca de Vergílio Ferreira, em Gouveia, dado que a esmagadora maioria dos livros contém anotações manuscritas. Cerca de uma centena dos que estão mais anotados ficaram agregados ao espólio que se encontra na BN, como é atrás referido, mas os outros estão todos em Gouveia. Os mestrandos ou doutorandos terão por isso de tomar, igualmente, contacto com esse material, estando a equipa Vergílio Ferreira em contacto com a Biblioteca de Gouveia para colaboração vária.”

Em breve, usufruiremos também em Gouveia dos objectos pessoais de Vergílio Ferreira, na reconstituição do chamado “cantinho do escritor”, com a tábua da escrita, canetas, a máquina de escrever, etc. Veremos ainda medalhas comemorativas, o violino, vídeos sobre a sua vida e obra, o quadro pintado por Júlio Resende, as condecorações e diplomas seguintes:

Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago e Espada (1979), Comenda de PHENIX (Grécia – 1983), Grã-Cruz da Ordem de Mérito (1988), Ordre des Arts et des Lettres (França – 1991), Academia de Ciências (1992), Honoris Causa da Faculdade de Letras de Coimbra (1993), Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio (1994), Academia Brasileira de Letras (1994), Mérito Municipal (Sintra – 1995). Em Março de 1980 recebeu a Medalha de Honra do Concelho de Gouveia, juntamente com outro insigne gouveense, Mestre Abel Manta. Este último, devido à sua avançada idade, não pôde estar presente na cerimónia na Casa do Concelho de Gouveia, pelo que o escritor acompanhou a edilidade a casa do pintor para os lados do Conservatório. Lembra assim essa ida:

“Ele olha-nos com o seu lampejo de vez em quando nos olhos. Tem a sua boina vasca na cabeça, o lacinho de sempre ao pescoço. Olho alguns quadros nas paredes. E penso de súbito que estava ali de facto um *pintor*. Suponho, no entanto, que o país não tem bem notícia disso. Fernão Lopes, no prólogo da *Crónica de D. João I*, fala das afinidades que se operaram entre nós e a terra onde nascemos. A pintura de Abel Manta (este nome lembra-me, pelo ‘Manta’, as fábricas e os pastores da Serra) tem algo do granito, da dureza beirão. Sou dessa dureza também.”

Um outro filho ilustre de Gouveia, o esquecido Beldemónio (pseudónimo de Eduardo de Barros Lobo) suscitou também a atenção de Vergílio Ferreira que a ele dedicou uma conferência no Salão Nobre da Câmara Municipal de

Coimbra, sob o título “*Recuperar Beldemónio*”. Em “*Conta-Corrente /4*”, o escritor fala-nos da preparação da dita conferência:

“Não conhecem Beldemónio? Não conhecem. Conheço eu, porque é da minha terra. Ou melhor: ele é de Gouveia, que é a cabeça do meu concelho, e eu sou de Melo, que fica a uns sete quilómetros. Terra produtiva em letras o meu concelho, como vêem.”

Entre todos os volumes da doação, permitimo-nos destacar uma dedicatória, pelo seu significado premonitório. Vergílio Godinho, advogado e escritor, ganhou em 1942 o Prémio Ricardo Malheiros com o romance “*O Calcanhar do Mundo*”. No exemplar que oferece a Vergílio Ferreira, datado de 3.12.1941 escreveu: “Ao Dr. Vergílio Ferreira, esperança ridente das letras portuguesas e poeta já confirmado em versos imperecíveis. Homenagem de muita admiração”.

Até então, Vergílio Ferreira pouco havia publicado, mas o advogado-escritor antevê-lhe um futuro brilhante.

A 11 de Novembro de 1986, no decorrer de uma Semana Cultural que o Município de Gouveia lhe dedicou, Vergílio Ferreira escrevia no Livro de Honra:

“Emociona-me a ideia de que a entrega (futura) da minha biblioteca à Câmara de Gouveia representa o meu regresso ao ambiente em que me criei e aprendi a sensibilidade que me coube.”

“Aqui... Aqui estou... virado para a serra... Para Sempre”.

Antologia



– A sensibilidade que tenho aprendi-a na província em que nasci. Bem sei que é isto um modo de dizer “mecanicista”, porque um Aquilino, que é da mesma província, aprendeu uma sensibilidade diferente. É todavia... O facto é que praticamente eu não sei falar senão do ambiente em que nasci. Mesmo o Alentejo (e vivi lá 14 anos) só afinal o entendi como um eco da Beira. Porque a planície e a montanha falam a mesma voz primordial. Espaço, origens, vento, neve, solidão, e a cor escura do granito e dos pinhais, e a cor escura das gentes, e a sua presença espectral, e a sua trágica rudeza, e o silêncio de tudo, e a própria alegria furtiva quando é a hora das concessões para isso, e o signo de eternidade que a tudo marca, e o halo genesáco que a tudo envolve – são inexoravelmente os sinais com que me entendi através da terra em que me criei, os elementos do acorde único que em mim ressoa. O “espírito do lugar” é-me difícilíssimo aprendê-lo porque justamente aprendi esse no espírito que se me fez. Tudo o mais só me deu o espírito do lugar, na medida em que me foi o lugar do meu espírito... Eis porque não entendi ainda Lisboa. E há nove anos que aqui estou.

Vergílio Ferreira (1968)

Aldeia

Toda a aldeia era feita de um tempo muito antigo. Nas casas, nas ruas, nos usos e nos costumes. Mesmo os corpos dos aldeões, no jeito especial de os utilizarem, tinham também um toque rude e primitivo. O modo de andar, por exemplo, era desengonçado e langão, como se levassem às costas a sua carga de séculos. Mas era sobretudo nas casas que o peso do tempo mais se sentia. A gente olhava-as e via logo que tinham sido construídas no eterno. Lóbregas, escuras, entroncadas, todas elas eram sombra, e nada melhor para se saber que a vida humana é transitória. Nascia-se nelas ao longo das gerações, vivia-se até à morte, elas ficavam. Recebiam-se em herança, transmitiam-se aos descendentes, elas lavavam as mãos do circunstancial e efêmero e continuavam. E era assim como se a ancestralidade entrasse logo no sangue e a vida dos homens fosse feita do seu negrume. (...)

“Sociedade Recreativa”

A aldeia era uma paz escura de olivedo e granito. Ao longo de longos anos sem memória, os homens ali nasceram, viveram e morreram como os bichos e os frutos. Com os sonhos talhados à medida da fortuna, mesmo quando sabiam que sofriam, sofriam resignados. De Inverno, o frio podava com pneumonias alguns dos rebentos enfermiços. E de Verão, as febres limpavam o resto. Apurada assim a raça, a aldeia ficava, evidentemente, de ferro, como o atestava a fama em léguas de redondo. Os frios e os calores, apesar de tudo, rebentavam sempre gente. Mas como não rebentavam o povoado inteiro, era evidente que só morria quem tinha de morrer. E, em face disso – paciência. Como, além do mais, quase todas as famílias eram numerosas e de poucos haveres, calar uma boca e uma ambição era ainda um benefício da morte. (...)

“A Fonte”

A casa

Mas quando volto com a mala – a casa. Olho-a ainda, não me canso de a olhar. É, alta, toda de amarelo, agora desbotado. Lojas, dois pisos. As empenas chanfradas, um ar poliédrico no seu facetado. E o olhar cego das janelas cerradas. Bloco imóvel e à volta um ressoar grande de espaço. Como vemos, nevoeiros, o murmúrio do tempo, ouço-o. Extática, contra a passagem dos anos, ao alto olho-a, levantada de silêncio. Tomo enfim a mala, subo os degraus, abro a porta da casa. Um odor espesso a um espaço selado, a mofo, a coisas velhas fermentando na sombra. Sinto-o na face nas narinas, como um bolor. Cheiro a madeiras apodrecidas, a lembranças coalhadas como suor que arrefeceu. Pela porta aberta entra a claridade da tarde. Estende-se pelo corredor entre fileiras de espectro. O soalho range aos meus passos medrosos, o mistério ecoa na casa abandonada. Está escuro. É um corredor extenso, dão para ele todas as portas até ao fundo. Vou entrando em cada quarto, a sufocação do calor. Nas frinchas das janelas, as riscas de luz brilham no escuro. Alguns fechos estão perros, colados da tinta. Tento corrê-los sem os partir, consigo enfim abrir todas as janelas de par em par para o horizonte. Fica num extremo da aldeia, a casa, o terreno desce abruptamente nas traseiras para um grande vale. Fico um instante a uma janela, olho. O vale ergue-se à distância, num tom roxo, vêem-se no horizonte sinais brancos de aldeias. De uma a uma, todas as janelas, e o ar quente, e a luz. Circulam agora livremente, a casa suspende-se, toda aberta de espaço. A meio do corredor fica a sala da varanda. Tenho de ir ainda abrir as janelas do andar de cima. Sento-me à varanda – aqui estou. Vida finda. Mas não perguntes. Sonhos, lutas, e a obsessão do enigma – não perguntes. E do que o ordenasse ao universo – não penses. A palavra ainda, se ao menos. A palavra final. A oculta e breve por sobre o ruído e a fadiga. A última, a primeira. Em frente, a toda a largura, o ondeado da montanha. O sol embate contra ela, desnuda-se até à aridez. Vejo-a desdobrar-se da aldeia até ao alto, com grandes matas escuras, erguendo-se ainda em

grandes massas até ao céu, requeimado. Aos lados do portão há dois velhos choupos, a folhagem imóvel à praga do calor. E para lá do portão, a rua deserta. Corre-lhe a um dos lados uma fila de casebres rentes ao chão, no outro, um muro de quintais. É uma rua que termina para cá, um pouco longe do portão, continua depois em caminho de terra batida. O silêncio entala no ar branco, os espaços calam-se na sombra das ramadas. Só de vez em quando, vem de longe, dá a volta pelos montes. Uma voz canta pelo ermo das quintas. Ouço-a na minha alegria morta, na revoada da memória longínqua, escuto-a. E é como se mais forte que o cansaço e a ruína, do lado de lá da amargura, é a voz da terra, da divindade do homem. De repente:

– Paulinho!

Oh, tu agora também. Voz trémula em fífias, em pequenos saltos de escala como de galinha, é a tia Joana. Não ouças. Deve estar no quarto ao fundo, o do terraço, já ressequida de velhice, os círios à volta, estendida no Caixão. Não ouço. Mas ela insiste, cheia de urgência, vou ao longo do corredor.

– Julguei que não viesses.

– Como não vinha? Evidentemente que vinha.

– Não te esqueças de escolher as batatas.

– Não esqueço.

– Guarda as vermelhas para o fim, que não se estragam.

Uma janela bateu lá para dentro – bateu? Mas nem há vento. Vou fechá-la, vou fechar todas as janelas, tenho de abrir as do andar de cima: Porque o homem é só o seu futuro. Bem sei. Futuro findo o meu. Já sei. Mas entender isso, entender. Sê calmo – e falas tanto. Organizar a força que te resta. Organizá-la, não para o futuro que já não há, mas para o dia-a-dia que for havendo. Acabar em decência um velho está tão a mais. Discreto, abrigado no que te sobra do homem – tenho de ir ao andar de cima. Recolhido à tua humildade, à tua miséria sobrevivente. Mas quando passo na saleta, a escada sobe daí, é a sala de costura. Está encostada à parede, a máquina, tia Luísa, vejo-a, senta-se-lhe diante, vergada para a tarefa. Mas está imóvel, as mãos pousadas no tampo da máquina, uma nuvem de folhos caindo do tampo para o chão. Deve estar a costurar algum cortinado para a sala, algum lençol, mas não se move. Petrificada, a face branca, os óculos com uma lente partida. Olho-a fixamente, tem as mãos imóveis segurando a roupa junto à agulha, a roupa caindo-lhe até ao chão. Bate-lhe a luz da janela, a face da cera, os olhos fixos na costura, um pouco vergada sobre a máquina. Há silêncio em toda a casa, algum estalido apenas da madeira ao calor, não se move. Debruço-me eu

também, é um lençol. Conheço-o, é da minha cama. Está a coser um remendo, a agulha da máquina parada sobre a prega. Tia Luísa olha a agulha com atenção, mas tudo está imóvel na tarde de calor. Ao lado da máquina, vou olhando em redor, o baú. É um baú de couro, pousado em dois suportes de madeira, o pêlo amarelo, safado em alguns sítios. Tem pregaria amarela ao correr das arestas, o couro esbeçado nos rebordos. E de repente, sentado no baú – não vejo bem. Olho ainda e pouco a pouco, a minha imagem, é no recanto da sala, lentamente os volumes da minha imagem na sombra, o esfumado dos contornos como lenta revelação. Conheço-te, sou eu num tempo muito antigo. Tens o teu fato preto de veludo, os calções até abaixo do joelho. O casaco com um cinto prendendo por um botão, a gola branca da camisa para fora. Estás triste. Sentado no baú de couro, as mãos no colo, os joelhos unidos. Os olhos fitos no chão. Sapatos e meias pretas até ao meio da perna, um pouco encolhido em ti. É um fato de veludo preto, as pernas e a face iluminam-se na sombra. Conheço-te, olho-te ainda, estás só vestido de luto. Por cima há uma imagem da Virgem numa moldura antiga. É uma imagem colada sobre uma renda de papel já a desfazer-se. Pela janela aberta, o horizonte longínquo, a linha ondulante da montanha quase apagada num tom violeta.

– Paulinho! – digo-lhe.

– Que é que queres?

Tem o cabelo corrido para a testa, mas ao canto direito erguia-se, o pêlo contra a corrente, formando ninho, o “ninho de carriça”. Minha mãe esforçava-se por me alinhar o cabelo, minhas tias, puxando-o a água e pente, às vezes com uma escova. Mas logo que começava a secar, o cabelo saltava, formava o “ninho”.

– Paulinho – digo-lhe ainda –, porque estás triste?

– Já te esqueceste?

Como esquecer? Mas há tantos anos já. Sessenta, talvez. Tanta coisa passou. Ao lado, imóvel sobre a máquina, tia Luísa. Tem as mãos paradas sobre o lençol, a face parada fixa como figura de cera.

“ Para Sempre ”

A loja

O inverno anunciava-se por chuvadas abundantes. Agora que as noites cresciam, os homens alastravam pela loja do Nunes, fazendo horas para a ceia. Entravam soturnos, metidos nos capotes molhados, encharcando tudo. Rostos cor de terra, o cigarro perdido sob o feixe do bigode, eles falavam vagorosamente, esfregando as mãos calosas. Traziam nas palavras lentas a tristeza do ar carregado de cinzento. Velhos ressequidos murmuravam vagamente:

– Vamos ter chuva pra uns dias...

E os outros inspeccionavam o céu.

– Stá o inverno à porta...

– Este ano veio cedo...

João gosta daquela hora movimentada. Sabe que, no dia seguinte, tem de varrer a lama que os homens sacodem dos tamancos ferrados. Deixá-lo! Durante o dia, a loja está deserta. O Nunes faz contas. Raras moscas voejam na despedida do tempo morno. Para entreter-se, João limpa o balcão dezenas de vezes. Depois enfia as mãos nos bolsos das calças de cotim, e espera. Começa a reparar no frio que, à noite, lhe trespassa as pernas. O pai prometera-lhe um fato novo para o inverno. Durante o verão, para se rebolar nas pedras dos balcões ou das ribeiras, as calças de cotim serviam à maravilha. Mas o verão passou e o pai morreu. Mariana deitou-lhe já uns fundilhos novos nas calças de saragoça que João terá de poupar. A mãe, às vezes, diz-lhe:

– Veste as outras calças, João, que stá frio... (as de saragoça).

– Stá lá agora frio...

João esfrega as mãos e bate os pés. Nunes inaugurara a época de inverno, mantendo-se cuidadosamente achegado à braseira acesa.

– Mexe ali a braseira, rapaz...

Era um consolo. João demorava-se, regalado, a remexer a braseira. O seu cuidado ia, às vezes, além do que Nunes lhe exigia. Rebuscava então um papel velho de que fazia um abano para avivar as brasas.

O dia era aborrecido. Mas, à noite, vinha aquele magote de homens que falavam do tempo e da vida da aldeia. Às vezes, um ou outro dizia graças pesadas, de uma grossura de tamanco:

– Chega-te pra aí mê burro...

– És mais bêsta cà burra da tua avó...

Mas riam. Em gargalhadas broncas, de pasmo. Seus pensamentos, atravancados no crâneo duro, eram parcos e ingénuos. Mas parecia que uma reflexão, uma graça, tinha segredos ocultos que só eles adivinhavam. Porque riam em gargalhada aberta, ou quedavam-se meditando, pensando observações chãs. João conhecia, decerto, esses segredos. Porque ria e meditava.

– Atão dixeu que este padre que é que a arranjou bonita às beatas... Dixeu que vai arranjar uma música de rapazes e que é pra dançarem. Ali à preta! Assim é que ê gosto. Padres reinadios...No é assim, ó ti Zé?

Mas o Nunes adiantou-se com o peso da sua ponderação:

– Isso deve ser mentira...

– Oh!...até dixeram que já tinha mandado vir os instrumentos. Olhe, até quem mo dixeu foi o ti Antonho das Tapadas que o filho dele tamém vai prà música. É verdade! (Num risinho) ó Sr. Nunes...hã? Eu ali a dançar que eu atão sou derrancado prà reinação...

Outras vezes vinha o disco da vida alheia:

– A filha do Garrilha (vizinho do João) dixeu que sempre se casa co'o Bebeu.

– Já no é sem tempo.

(A do Garrilha já não levava ao casamento a flor de laranjeira).

– Atão dixeu que o Carroça andava a roubar naquilo do Zacarias...

Com o tempo, vão-se formando grupos. Falam de colheitas, dos gados, rendas.

– Por quanto chegaste a arrendar o pasto?

– Três notas... No ganha a gente prà despesa...

João sente que a vida daqueles homens é bem diferente da dos garotos. Dos garotos que ao domingo o desafiam para o *salto-em-vão*, para o *guiche*. E parece-lhe que a compreende. Não lhes entende talvez as rugas do rosto, a barba crescida, a camisa suja. Mas sabe que...

(– Dois tostões de cigarros... Aponta...

Nunes desespera-se com a venda a crédito:

– Que diabo! É preciso apontar até dois tostões...

O freguês sorri dorido:

– Isto é que ele é...Anda lá ...Atão ando prò senhor lá na Quinta...
Pago ò fim da semana... Olhe que eu nunca fiquei a dever nada a ninguém...).

“Onde Tudo Foi Morrendo”

O papagaio

Quando era miúdo, uma das coisas mais fascinantes para mim era deitar ao ar um papagaio ou vê-lo lançar aos outros. E o lugar privilegiado para isso era no “ribeiro”, ou para maiores ambições, nos “moinhos”, na estrada da serra. O “ribeiro” era um sítio de poiso, pela fresca da tarde, com duas grandes árvores encostadas a um muro e que assim ajeitadas serviam de urinóis. Ter um papagaio não era fácil. Construí-lo era difícil. Nesse tempo o grande senhor papagaio era o Pintelha, um tipo que já deitara a infância fora e se passava para homem. Conhecedor da sua importância e fazendo tudo para a defender, raramente ia ao ribeiro deitar o papagaio. E quando condescendia em descer ao nosso nível, fazia constar a grande nova e ela corria logo por toda a aldeia, despertando o alvoroço de todos nós.

– O Pintelha vai deitar o papagaio! Hoje o Pintelha deita o papagaio!

E às horas da tarde, que era quando havia vento, ele lá vinha, precedido dos seus admiradores. Um deles levava-lhe o papagaio à frente com orgulho, outro trazia-lhe osovelos da guita, ele vinha atrás. Eram vários novelos de guita para o papagaio chegar até ao limite da nossa imaginação. E atada a ponta do primeiro novelo à cruz de cana do papagaio, Pintelha dava instruções ao que segurava, marcando a distância a que havia de largá-lo. E ele lá ia, enfim, soberano e emproado, subindo até ao alto. Mas eu reparei que o papagaio, com aspecto robusto e grande peitaça, subia pouco. E além de subir pouco, logo que a aragem insistisse na pressão, começava a balançar-se cheio de nervoso.

– Dá-lhe guita! Dá-lhe guita!

E com efeito. Largada mais guita, ele começava a acalmar. Mas quanto a subir, ia só até acima das casas e depois vogava por ali fora, sempre rente à condição terrena. Pintelha largava guita, atara já a ponta de outro novelo, mas nem subia mais nem deixava de se saracotear a dizer que não. Era um papagaio possante como o seu dono, mas agarrado à terra de que não queria

afastar-se. A guita já fazia “barriga”, numa curva pesada que quase tocava o chão. Era tudo nele forte e imponente, só que não subia. Pintelha largava guita para o fazer ir bem longe e nos obrigar a pasmar de toda aquela potência. Mas a certa altura quase já nem se via, agachado a balançar por detrás das casas e oliveiras. Às vezes a guita prendia-se nas árvores e o Pintelha ficava contente por verificarmos que isso é que o impedia de subir. Ou a guita rebentava e toda a turma dos garotos rompia pelos quintais à procura do papagaio e trazia-o enfim em triunfo ao Pintelha que se afastava finalmente com ele dos garotos impressionados. Mas depois da sua exibição triunfal, já mais calmo de tanta emoção, eu dizia para comigo:

– Mas afinal não subiu.

Tinha todo o aparato de força, mesmo de uma certa placidez majestosa, tinha vários rolos de guita e a nossa admiração a ajudar. Mas não subia.

– Não conhecem por acaso nenhum Pintelha também? Claro que conhecem. Façam um esforço. E já agora vejam se lhe explicam porque é que o papagaio não sobe.

“Conta – Corrente Nova Série 1”

Vinho novo

E repentinamente, ó infância de nunca, substância íntima do meu ser. Veio o Outono devagar, o Sol esmorece no azul lavado, poisa subtilmente nas coisas. Dourada luz envolvente, secreto indício no ar de um íntimo recolhimento, toda a terra se apazigua em suave quietude. Os campos amadurecem de frutos, estendem-se nas eiras os milhos ao sol, passam os carros chiando com uvas para os lagares. Visível o mistério, emanção de ternura, como diadema do mundo. Incerto, suave, pela linha ondeada do horizonte, na face deslumbrada das casas. Afloro-o em silêncio no olhar absorto e longínquo, num insinuado sorriso de amargura. Secam-se os figos enfiados em guitas, dependurados às janelas como rosários, em tabuleiros com palha secam frutas para o terror da invernia. Pálida forma das coisas na morte que se anuncia, meditação alongada ao efêmero da vida – ó infância da legenda, morada do meu ser. Por sobre a convulsão e a febre, o teu apelo ilícito e tão quente. Passam os carros chiando, mulheres com as gamelas à cabeça vão a caminho dos lagares, é a hora do vinho novo. Meu pai, nós não tínhamos ainda lagar, meia dúzia de videiras em latada e corrimão, a vida não foi fácil de começo, meu pai pedia ao Sr. Ximenes que lhe deixasse fazer o vinho num lagar pequeno e de madeira que lá tinha. Nem o tinha na mesma loja, mas outra ao pé, o lagar dele era de pedra. E porque conto eu isto? Meia dúzia de videiras e um lagar pequeno não têm verdade bastante para se contarem. Mas na sua fugitiva pequenez todo o meu passado forma um discurso estável e absurdo. Ralhos, misérias, ridículos e uma hora de sol breve ou de chuva, e as mortes e as pequenas alegrias, mesmo a aberração e a estupidez – um discurso estúpido e resistente. Morava quase frente a nós, o Sr. Ximenes, era um quintal e uma casa apalaçada metida nele com a frontaria tapada de trepadeiras.

– Augusto!

que era o nome do meu pai. Chamava-o num berro de trovão do outro lado da rua, meu pai deve ter aprendido com ele a importância de berrar. Ou talvez

meu pai já trouxesse o berro do ventre da mãe, só se aprende o que já se é. Meu pai lá ia, minha mãe às vezes também. Fazer renda ao serão com a D. Clotilde, era no Inverno, nós ficávamos já a dormir. A vida não foi fácil a princípio para nós. Meu pai negociava em lãs, toda a minha infância está cheia dum cheiro a lã churra. Lojas cheias de lã, salas atulhadas de xailes e cintas, depois alugou uma fabriqueta. Fazia fios para tapetes e *tricot*. E neste intervalo metem-se ditos de que. Mas como é que em negócios, uma alma de alvura de hóstia? Umás histórias de letras, uma falência “fraudulenta”. Salários escamoteados, ouvi dizer. Depois a vida melhorou e tudo perdeu sentido como o casamento depois de se ter já dormido com a mulher.

Passam as mulheres com as gamelas, vão a caminho do lagar, é a hora do vinho novo. O lagar é uma tina de madeira numa loja de tecto baixo com uma janela para o pátio. As mulheres despejam as gamelas, cantam. À dúvida claridade da loja, diviso dois homens em mangas de camisa, as calças arregaçadas por cima dos joelhos, pisando as uvas. Apoiam as mãos contra o tecto, vão pisando. Erguem as pernas tintas de vinho, como numa dança lenta, às vezes cantam. São os deuses da alegria, olho-os, fabricam-na com os pés para as tardes de domingo noutros lagares e adegas, para quando, ao fim da semana de trabalho, arrasados de bebedeira vêm da taberna de lado a lado da rua, o olho afogado de briol, são deuses da alegria para a festa de domingo. Com as pernas cabeludas, brancas, como sangue o mosto escorre-lhes através dos pêlos – olho-os agora da minha distância adulta em longa marcha de penitência, movem os pés no mesmo sítio como se o chão lhes resvalasse por baixo, na penumbra fria da adega, as mulheres despejam as gamelas, saem de novo para a luz. Um acre aroma enche o espaço da adega, entontece-me ao movimento dos homens no lagar. Finda a tarde lá fora na luz suave de outrora, dispensa-me aéreo à minha evocação. Até que todo o lagar atestado, o mosto grosso do engaço ferramenta lento papejando. Provo depois o mosto à torneira, etéreo sabor no difuso da memória, intrínseco aroma a toda a seiva do meu corpo, na humidade das minhas células, súbito ramificado à globalidade da minha infância, ó sabor de nunca na infinitude de mim. Desencadeia-se na boca, sabor palatal, incha-me nas narinas, sinto-o, povoa-me todo o corpo e é depois a luz dourada do ar, o canto longínquo de alguém, vozes erradias de quem passa, a cristalização da alegria na pacificação do meu sangue. Aroma da terra que adormece, diadema da harmonia, integração presente da totalidade que sou.

“Signo Sinal”

Canta, Maria! Canta!

– Rica manhã!

Manuel Borrvalho espreita-a pela janela quadriculada. E pensa. Pensa na vida dos seus, pensa. Pensa na vida dos escravos, vida inútil, vida sem esperança. Como havia ela de querê-lo? Como? Ela que era bela entre as mulheres, e o dilacerava a ele, fugindo, fugindo sempre?

– Canta, Maria! Canta!

Maria do Termo erguia o rosto jovial e pela regueira cavada entre as montanhas fazia rolar a sua voz plena e sã. Fazia rolar a sua voz pelos milheirais verdes e o canto alastrava pela planície aberta e alagava o céu.

– Canta, Maria!

Os homens sonhavam e os veraneantes ficavam-se pasmados no alto do penedo repassados daquela alegria forte que inundava o ar. Maria do Termo cantava mais e mais, corpo fresco de virgem, dentes brancos reluzindo ao sol. Vida em fogo no sangue vermelho esguichando das faces tostadas. Olhos rindo, dentes brancos na boca húmida, rosto vibrante. Voz forte e clara como sinos de cristal reboando na amplidão. Seus braços eram vigorosos, pernas firmessuas nos quadris ágeis e ondeantes. Seu abraço de amor seria ardente e fogo tortura sôfrega de beijos escaldantes. Seios túmidos, rompendo a blusa, coxas rebentando a saia apertada, vida em fogo, rica e ampla, de sangue a borbulhar, de sangue em brasa...

– Maria, canta!

Pela trincheira cavada na montanha ondas rolavam aos gorgolões, levando os homens e as coisas, abalando a terra e o céu.

Manuel Borrvalho tem os olhos para lá da montanha que retalha o céu longínquo. E lembra a voz de Maria do Termo, o seu riso estalado. Tantas vezes pusera os olhos dela o seu olhar suplicante, tantas vezes lhe fizera sentir que o seu peito era forte e que a vida o não vergava facilmente.

Mas ela nunca lhe alimentara uma esperança, talvez porque tinha a mãe velha e doente e não podia, por então, pensar em mais nada. Manuel Borrvalho dá volta ao miolo para achar uma solução. E sempre lhe parece que tudo é impossível porque ele é dos Borrvalhos, gente acanalhada, a raça mais reles da freguesia. Jura então que nunca mais olhará para a cara dela. Porém Maria do Termo é bela como não há e Manuel Borrvalho enfraquece quando a vê.

– Maria!

– Hã!

– Tu sabes que gosto de ti. Se quisesses... A gente punha uma casita, levava a tua mãe prò pé de nós... Maria!

– Não e não! Vós dizeis sempre o mesmo e ó depois, se levasse a minha mãe, tu eras até capaz de a tratar mal.

– Juro-te por esta que não! Tu verias! Eu só queria que tu me aceitasses...

– Já te disse. Enquanto a minha mãe for viva, escusas de me bater à porta.

“Vagão J”

América

A mulher do Governo recebera a Sr.^a Augusta à porta da rua, mostrara-lhe a sala de visitas, mas não a deixara entrar:

– Ai não, não... Era só pra ver... Gosta? No há como a América. Terra de fartura. Olhe, este paninho (tirou as chinelas e, em meias, foi buscar um *naperon*) comprou-o a gente, já assim feito, por *ten cent.* É uma faturinha. Nos *recos*... lá chamam-lhe *recos* assim às *estoas* onde se vendem coisas assim, bocados de seda e outras coisas; pois aí há lá de tudo o que é bom e barato...

A Sr.^a Augusta pensou no filho. Ele tinha passado fome...

– O sê filho está no *Betefete*? É a cidade dos portugueses...

– Ná. Stá em Bóston ou como é...

– Ah! Em *Bosta*... Nós fomos lá. O mê marido trabalhou lá no *rairôde* antes de nos casarmos, na linha do carro de fogo, assim naquilo onde andam os cambóios. Pois trabalhou...

– Pois eu vinha ver se podia esperar...

– Ê digo cá ò mê marido. Mas a Sr.^a Augusta há-de vir ver a minha casinha que, da outra vez, nem tive tempo de la mostrar. Olhe, aqui, a cozinha. Estas *panas*, que diz? não são *naicezinhas*? *Schoa* que são!

– São bonitas...

– E este fogãozinho? No há como a terra da América. A gente trabalhava toda a semana, mas chegava ò fim, vinha o *bossa* e dizia: “tu trabalhaste bem”, vê que lá tratam toda a gente por tu; òdepois, dava-nos a féria e a gente ò domingo ia pràquedes *fames* ou prà praia... Oh! (olho em alvo) quem me lá dera a mim. Mas o mê José no há quem no arranque daqui. Òdepois também está à espera de que a minha Susana se case... Eu, às vezes, até le digo: “olha, homem, se fôsse lá na América, já tinhas casado a filha com quem quijeses”. Mas ele, porque torna e porque deixa, que a queria casar na terra... No há como aquelas terras. Há lá faturinha de tudo.

(“Meu filho! Tu passaste fome e dormiste nos bancos da rua...”)

—... às vezes até me rio, quando vejo aí passar estes altomóvens velhos...
Se fosse lá na América, já os tinham deitado prò *dampo*.

A Sr.^a Augusta saiu amarfanhada com tanta grandeza. Seu filho tinha passado fome, mas hoje estaria bem. Iria, no fim de semana, para os tais fames e praias. Mas a Sr.^a Augusta preferia que ele estivesse ali, na aldeia, para o ver. Para o abraçar, quando quisesse, e não andar, eternamente, presa àquele menino de 17 anos que partira numa fria madrugada...

“Onde Tudo Foi Morrendo”

A fábrica

Havia três fábricas na vila, Joaquim podia empregar-se numa, o professor disse que ia ver disso. E um dia, pela manhã, Joaquina Borrvalho arranhou o primeiro farnel ao filho que partia. Partia com o grupo que todas as manhãs ia para a fábrica da vila, pequeno, novato, os mais velhos deram-lhe cachações, puxaram-lhe pela língua, o garoto sabia obscenidades que os divertiam.

No vasto salão térreo, roldanas giravam, máquinas, maquinas, largas correias, um nevoeiro de barulho, os homens berravam para se fazerem ouvir, rodas de ferro, tambores, as cardas, a fiação, em cima os teares, tudo rodava sem fim, do alto caía uma claridade difusa, lã, poeira de lã, o motor matracava ritmadamente e as máquinas rodavam sempre no salão grande e largo em barulheira infernal. Joaquim foi posto na fiação a “agarrar fio” que era por onde todos começavam.

– Este é o mestre, um mestre magro e pálido, bigode preto, olhos fundos, o mestre fez prédica do costume:

– Olho atento no fio. Quando partir dás um nó.

Assim...

Deu a laçada da demonstração e foi de novo para o centro tomar conta dos comandos, a fiação avançava comprida e direita como um esquadrão, depois os fusos nervosos giravam miudamente, Joaquim tinha os olhos bem fixos para atar os fios que estalasses. E lá ficou a abrir uma vida de sombra.

“Vagão J”

Ouro negro

Cardoso vinha muito a Vilarim. Toda a aldeia se atirava agora à serra, entrando-lhe pelas entranhas, na busca do ouro negro. Um frémito de esperança abalara o povo nas raízes da desgraça. Fogueiras de alegria incendiavam o coração dos homens, que um punhado de areia comprava um dia de vinho – e toda a encosta sangrou de veias abertas. Pela torreira do sol, por chuvas e ventos e noites solitárias, a povoação abalava no rasto da promessa. Gente de gravata viera, de fora, marcar os seus reinos com as varas da lei. Mas o povo sabia apenas da sua desgraça e invadia tudo. Ia pelos caminhos de lobos, morria soterrado nas escuras galerias, cruzava a sua sorte com a bala de algum guarda vigilante. Anda, Pilé! Anda Gaviarra! Velhos e crianças, gente válida, mulheres e doentes, o ventre da montanha abria-se em bênçãos para todo o mundo. Anda, Pilé, mexe-te, Gaviarra, mas o Gaviarra ficou. A mão segura do destino erguera uma barreira à volta do cerro. Havia ainda um muro a levantar, alguns pés de batata a limpar do bicho.

– Gaviarra tinha medo desse dinheiro enxuto de suor. Pilé levantava-se no abismo das madrugadas, escolhe quatro filhos do rebanho e parte com uma corda e uma pá. No escuro de um matagal, havia uma mina abandonada. Um lanço de terras baixara, a coragem dos homens não chegava até lá. A princípio, Pilé tivera de furta-se à vigilância dos guardas, porque a mina ainda tolerava a cobardia dos que entravam de pé. Mas, depois, a abóbada abatera, o buraco cerrava-se e só já o desespero lá podia penetrar. À boca da mina foi aparecendo menos gente. A guarda, medindo a coragem dos outros pelo tamanho do perigo, não tendo tomado a fundura à necessidade dos homens, abalou. Mas os homens confiavam na serra que os criara. Acocorados, com a lanterna nos dentes, iam ao fundo da montanha com uma última esperança. O tecto da mina, porém, à entrada, baixara mais. Agora era apenas uma toca de bicho, e nenhum homem tinha coragem de aceitar a sua sorte de bicho. Só Pilé, carregado de filhos, vergou, submisso, à sua condição

animal. Chegou ao buraco, atou uma ponta da corda a um pé, persignou-se. Era impossível que qualquer força poderosa não reconhecesse a sua sorte e o não salvasse. De ventre colado ao chão, rilhando o cabo da pá, Pilé rastejou, como um verme, para o escuro do seu destino, rosnando um credo extremo. O garoto mais velho segurava, aflito, na sua mão crispada, a vida que vibrava ao longo da corda, já toda engolida pela mina. Todo o mundo, em redor, na alba que raiava, quedava-se, mudo, esperando. Meia hora depois, veio um urro da caverna:

– Puxar!

E os garotos, em fila, puxaram. Pilé vinha de rastos, mordendo a terra da sua condição. Mas, a certa altura, um ruído surdo atroou a madrugada. Depois, de novo o silêncio. Então, desvairado, o garoto mais velho largou a corda e partiu aos gritos para a aldeia. Os mais novos ficaram ali a chorar. Vieram homens com pás e enxadas. Quando Pilé apareceu à luz da manhã, uma mulher abalou os montes com um arranco de dor e caiu nos braços da multidão silenciosa. Pilé tinha a boca aberta cheia de terra, os olhos esgazeados, bordados de lama, e duas pedras negras apunhadas sobre o coração. A terra cobrira o seu último protesto. A terra cobrira a sua derradeira esperança.

“Mudança”

Festa

Barracas de feira, tudo a dez tostões, é escolher, é escolher, tudo a dez tostões, freguês, homens jogam na roleta, as doceiras cruzam os braços atrás das mesas coalhadas de amêndoas. Eh! pá! Olha aquele realejo. O meu irmão comprou um de campainhas e custou quinze mil réis, olha a boa da melancia! Compra tremoços, minha senhora? E o poviléu agita-se numa massa e a noite é lisa e macia. Algumas doceiras são raparigas novas, de modo que a festa sempre rende mais, compra umas amendoínhas. E os rapazes novos andam ali de asa rastejante e dizem coisas às doceiras. Depois o farmacêutico ganha um dinheirão, e as estrelas, muito quietas, pregadas no veludo escuro, olham com olhos piscos de sono. Homens, mulheres e crianças passam para baixo e para cima, blusas novas, chapéu derrubado para a nuca, um perfume de manjerico escorrendo da orelha. Balões suspensos, balouçando. Música rija de pratos e bombo. Fogo! Fogo do ar, ah!... estrelas cadentes, pó de ouro e os olhos dos homens arredondados de espanto. As doceiras olham também para o alto e os rapazes novos, num intervalo, dizem outra vez que é um instantinho e elas respondem que não. Foguetes esfuziando. Tiros. A música parou. Olhos no ar, bem abertos para as estrelas cadentes. Depois o homem que deitava os foguetes desceu do muro e marchou em triunfo por entre os garotos que o olharam com admiração. Os garotos devastavam os batatais esfarrapando a rama, de um lado para o outro em correria à caça das canas dos foguetes. Um de tiro explodiu num pèzeiro e extirpou da terra as batatas que engrossavam e o Chinola, que é homem de muita de piada, disse que o fogueteiro tirava as batatas à borla e toda a gente se riu. Toda a gente que estava ali ao pé se riu a valer, porque o Chinola tinha, na verdade, muita piada. E a música tornou a tocar, enquanto as estrelas iam tombando devagar para o outro lado da serra. As barracas recomeçaram o negócio, uma limonada são cinco tostões, e os homens bebiam água com açúcar e diziam que era bom de verdade, compra estes doces, minha menina, Lá para baixo, a gente que veio de fora para ver a

parreira, mete-se na venda do Capacho, que é coisa asseada, e come frango assado e croquetes e vinho e mais frango assado, mais vinho, e os carros estão em cima, à espera, numa fila. Chega aí mais um copo, toma um pirolito, com vinho é daqui, dá ali uma cerveja àquele senhor, mexe-te, dá cá o saca-rolhas depressa, meu lesma, ó Joaquim deita aí um copo, já são horas da *parreira*? Só lá para as 3 da madrugada é uma espiga que dá para tarde, Cá fora, os que já estão integralmente ensopados, forçam a cabeça contra a parede com os olhos injectados de sangue, depois os amigos dizem que venham daí, eles garantem que já estão bons e berram, cabelo amassado, pernas engelhando e querem beber mais que é para ser festa de verdade, canudo!

A charanga, derreada, vai marcando do coreto o compasso à marcha que os homens batem em baixo no terreiro. Botas de bezerro, bota cardada, camisa branca, rosto vermelho estoirando de carrascão.

– É agora!

No sarrabulho do baile, arrancam nuvens de poeira que engrossam o ar. E na curva macia do céu, estrelas ensonadas lucilam de olhos piscos.

Chega-lhe agora. Prá direita. É mais uma! E virou! Os campos dormiam no escuro. Enxadas, foices, manguais. Searas maduras, batatais ramalhudos, a torra do sol. Tudo no escuro sob os olhos piscos do céu.

Um balão malhado de cores numa ascensão repousada ia, subindo ao céu. Então os homens deixaram de escavar o terreiro.

– Vai arder! Vai arder!

Antes que ardesse, o mestre da charanga atacou, duro, uma música de triunfo. Olhos parados no ar.

(Olha que boa melancia! Ia arder com certeza. Aquele asno do Carranca...)

“Vagão J”

Vocação

Uma brusca ansiedade apertou-me todas as vísceras. Doeram-me os rins, o estômago, um seixo grosso entalou-se-me na boca, os ouvidos guincharam. Mas já D. Estefânia erguia os olhos do fundo do seu recolhimento e os pousava, com doçura, sobre mim:

– Que pensas tu disto, António? Sem dúvida, ainda és muito criança, para te não enganares nos teus juízos. Falei com o Sr. Prior sobre isto mesmo e a opinião dele foi que te devia interrogar a ti próprio. Tu calculas o desgosto enorme que eu teria, se a Divina Providência não te tivesse escolhido. Mas desgraçada de mim se eu pensasse contrariar os seus desígnios. A vida de um sacerdote é uma vida de sacrifícios. Mas um sacerdote é um outro Cristo e não há glória no mundo que se lhe possa comparar. Tu és criança, mas já podes entender isto bem. Que pensas tu? Terás ou não vocação?

Uma fúria de afogado sufocava-me. E então abri a boca numa resposta pronta. D. Estefânia, porém, num susto repentino, ergueu a mão aberta, tapou-me a cara com ela:

– Cuidado! Cuidado com o que vais dizer! Reflecte um momento! Pede a Deus que te ilumine! Se quiseres, eu vou até lá dentro, enquanto meditas.

Mas eu tinha medo, Um medo enorme que me fugisse aquela oportunidade. E, mordendo-me todo, varado de palidez, disse com voz segura:

– Eu não tenho vocação!

– O quê? Como? Não tens vocação?

Como se um demónio subitamente explodisse, uma fumarada de enxofre e de cinza levantou-se-nos de permeio, separando-nos um do outro. Porque levou tempo que tudo se dissipasse e de novo nos pudéssemos encarar, ali, naquela sala tranquila. Olhei então D. Estefânia, que hirta de surpresa, nem respirava. Muda, ossificada, furava-me de lado a lado com dois olhos ferocíssimos. Tinha a boca selada, as narinas sôfregas, uma ira raiada pelas arestas da face como roda de navalhas. E desamparado, cercado de noite e de

ameaça, senti que ninguém, nem eu próprio me poderia valer. Numa voz surda, anterior a ela, inchada de profecia, D. Estefânia falou enfim.

– Desgraçado! Que destino será o teu, miserável! Roto, cheio de fome, morderás as pedras, se quiseres comer.

E depois, já mais afoita, já escarninha:

– Não tem vocação! Tem mais vocação para se encher de côdeas e de piolhos. O lorde. Não tem vocação para padre. Prefere ser doutor. A mãe vai pô-lo em Coimbra a estudar. Eh!

E logo, sem uma transição, toda frisada de gritos como se a tivessem furado:

– Pois se não tem vocação, rua! Vá lá para a fome dos Borrachos! Vá comer palha! Aqui nem mais uma hora! Rua!

E saiu, num furacão, arrebatando o candeeiro. Um tormento de moscardos e de carvão e de aço dentado endoideceu-me em agonia. Sofri, sofri. A noite veio enfim e cobriu-me, e eu ali me deixei ficar, perdido no seu regaço. Não sei quanto tempo se passou até que voltei a ouvir, ao longo do casarão, o ruído avulso de passos solitários, de portas que se fechavam e abriam, de palavras indiferentes, para o interior dos aposentos. Queria erguer-me, arrumar as minhas coisas, pedir talvez perdão a D. Estefânia, continuar a viver. Da lama amassada que eu era agora, sentia que quaisquer mãos alheias poderiam fazer o que quisessem. Por isso, quando a nódoa amarela do candeeiro veio crescendo de novo pelo corredor, invadiu-me uma quase alegria, na esperança de que alguém viesse tomar conta de mim. Podia ser a Carolina, talvez já com as minhas coisas arrumadas, podia ser, quem sabe?, o pobre Sr. Capitão, sempre bom no seu alheamento prazenteiro, podia ser até a menina Mariazinha que viria despedir-se de mim. Mas, com grande espanto meu, quem entrou de candeeiro na mão, foi apenas outra vez D. Estefânia. Mais suave, tendo-se sentado no seu lugar, ali onde a minha miséria a desejava, declarou:

– Bem, António. Espero que já tenhas reflectido com Deus sobre aquilo que disseste. Parece-te que não tens vocação?

– Tenho sim, minha senhora.

– Hã? Tens? Vê bem o que dizes! Se não tens vocação, ninguém te obriga a voltar para o Seminário! Sem vocação, nunca! Tens realmente vocação?

– Tenho sim, minha senhora.

“Manhã Submersa”

Férias

Por fim, o dia de férias chegou. E há quanto tempo eu o vinha esperando! No tampo da carteira, um pouco ao lado, para que nada o tapasse, coleí um calendário de Dezembro; e todas as noites, ao último estudo, eu esporeava o tempo, cortando o número do dia seguinte, às vezes de dois dias, a ver se andava mais depressa. Mas, inflexivelmente, apesar de todos os meus esforços, cada dia tinha sempre vinte e quatro horas de espera. Muitas vezes, imaginariamente, eu desdobrava os dias nas horas, nos minutos, nos segundos. E, atormentado de angústia, punha-me atento à duração de cada segundo, cada minuto, esperando longamente que passassem, e descobria, em suores, que os poucos dias que faltavam para as férias eram uma montanha enorme de tempo. Já a lama crespa das geadas, nos caminhos do recreio, e o manto de neblina ao longo do vale me lembravam, na garganta, o Inverno da minha aldeia, a serra livre da minha infância. Até que, certo dia, à hora da Leitura Espiritual, em vez dos três artigos do Regulamento, um aluno de Filosofia nos leu os *Conselhos para Férias*. E uma fúria de liberdade, uma exigência sanguinolenta de fuga, queimou-me todo no peito, na língua, no estômago. Subitamente, eu pus-me a acreditar na realidade do mundo lá fora, na realidade do tanoeiro, dos comboios do adeus e da distância. Ah!, foi horroroso esperar. Apesar de tudo, porém, no fundo de uma manhã negra, carregámos enfim as malas e as sacas no carro de bois – e partimos. Num instante, toda a estrada fronteira ao Seminário ficou preta de seminaristas. Desfeitas as divisões, as amizades que se falavam por baixo do Regulamento davam agora as mãos tranquilas.

“*Manhã Submersa*”

Natal

De um a um, os dias de férias foram passando. Veio a noite de Natal, geométrica e límpida, como um grande cristal negro. Veio o dia de Janeiro, fresco de origens, vieram os Reis Magos e a magia dos seus cantos. Aqui, neste quarto nu em que escrevo, relembro agora tudo com emoção. À dor do que passei mistura-se incrivelmente uma saudade irremediável para nunca mais, não bem, concretamente, por este instante ou aquele, mas apenas porque a tudo envolve um halo estranho, agora que tudo me vive na memória. Ao lembrar o passado, acodem-me subitamente instantes únicos de uma chuva correndo largamente nas vidraças, ou de um sol carinhoso no fumo largo da manhã, ou até mesmo de uma madrugada fria na igreja. Mas que houve, realmente, nesses instantes, que em tivesse comovido? Eis porque eu me perturbo à memória da noite de Natal em que todavia eu sei que sofri de fadiga e de tristeza. Assim é quase com remorso que eu sinto o apelo fundo das vozes nas naves da igreja e relembro o frio áspero das geadas, no conforto imaginado de um fogão. Um canto límpido nasce-me de novo numa brancura distante e sobe pela curva larga do céu como um sol que se abre em leque sobre o silêncio da terra. Um pasmo de brumas dissolve-se em espaço num recolhimento espectral. Relembro a ceia quente à meia-noite, o frio branco e filtrado que me banhava a face ao abrir uma janela, recorro a grande fogueira de um tronco de árvore morta, que ali no adro se ergueu. Depois, a memória dispersa-se por instantes avulsos, mas percucientes como bruscas ciladas ao dobrar de uma esquina. E assim, ouço repentinamente, na aridez triste das breves tardes de Inverno, os tamancos solitários regressados dos campos, ressoando nas pedras do adro, ou a tosse dos que passavam nas madrugadas ásperas; rememoro os vultos dos homens, parados à beira da estrada, virados para a montanha, numa conversa muda com o Tempo; relembro a poeira fina das geadas nas sombras dos caminhos, a alegria intrínseca e serena das manhãs puras, fumegando ao sol, os ventos siderais, encapotados de negro, vindos dos

medos da serra, saqueando bruscamente toda a aldeia. Mas de repente, certos factos concretos revivem-se com nitidez, o halo da memória desvanece-se e o que me dura outra vez é a ira e a solidão.

Estranho poder este da lembrança: tudo o que me ofendeu me ofende, tudo o que me sorriu sorri: mas a um apelo de abandono, a um esquecimento real, a bruma da distância levanta-se-me sobre tudo, acena-me à comoção que não é alegre nem triste mas apenas *comovente*... Dói-me o que sofri e *recordo*, não o que sofri e *evoco*.

“*Manhã Submersa*”

Romaria

E uma hora depois chegámos ao largo da capela. Romeiros dispersam-se em grupos pelo recinto árido – da nossa aldeia? de outras aldeias distantes e desconhecidas? Encostam-se a varapaus. Fato novo, camisa lavada, estalando de brancura, conversam devagar, o olhar parado na eternidade, ao raiado dos horizontes. No alpendre da capela, mulheres aninham-se, enoveladas de saias. Têm os olhos inchados do sono, da noitada que velhas promessas as obrigam a passar ali. No altar da santa ardem os restos de velas acesas pela noite, dependuram-se os ex-votos de cera – mãos suspensas de um cordel, pés, narizes, por um golpe de seitoira, impigens, furúnculos, misérias de um corpo com pressa de apodrecer. E cravos, cravos de papel já desbotado, pelos cravos nascidos entre os dedos, na juntura das unhas, por uma noite, imprudentemente, se terem contado as estrelas. Trágica gente, ó povo! Humildade recolhida. E eu vejo-vos ainda, pesais-me na lembrança porquê? Relembro o pasmo que assoma ao vosso olhar dorido, olhar terno. O pinheiro arrastado grava o sulco da minha passagem, não pára a neve, anula-o em esquecimento. Corro os toldos das barracas armadas pelo largo. Eu e Norma, Bonecas, louças, bugigangas, o sol no ar. Amplo, trémulo, vibrando por toda a serra. Era a hora da missa, minha mãe fez-nos um gesto grande desde o meio do largo. Mas ao dirigirmo-nos para a capela, adiantou-se-nos uma cigana com os braços estendidos, estendia-os para a minha irmã:

– A sina, minha querida. Não paga nada.

E ria. Cresciam-lhe os dentes como num relincho. Tentava tomar-lhe a mão – a sina.

– A sina, menina. Não paga nada.

No largo, só o silêncio. E através dele, de vez em quando o cântico da capela subindo alto, dando a volta pelos montes. Minha mãe já virara as costas, segura de que não íamos demorar-nos. Norma, pálida, fitava os olhos da cigana, a cigana apoderara-se-lhe já da mão:

– Há-de encontrar um homem que lhe queira bem. Há-de casar cedo, mas depois...

Suspendeu-se um instante. Mas já não lia a mão: fitava os olhos de Norma – os cânticos cessaram. O largo estava deserto, havia sol a toda a roda, a aragem ressoava nos pinheiros, silêncio imóvel pelo céu azul. A cabeça da cigana avançava sobre Norma, os olhos dilatavam-se-lhe – “mas depois...”

– ...há-de fazer uma viagem grande, grande. Até ao cabo do mundo. E ainda mais para lá...

Tinha a voz surda, os olhos raiados. Norma deu um grito enorme, arrebatou a mão à cigana e fugiu. Eu corri atrás dela, olhei ainda lá de longe – ela ficara imóvel, no meio do largo. E sorria, num relincho imenso e sem som.

Arrasto o pinheiro pela aldeia, cai neve. Numa casa ao fundo da rampa, uma parede desabou. Vêem-se-lhe dentro uma mesa, algumas cadeiras, uma litografia num muro. E neve sobre a mesa, sobre as cadeiras. O uivo de um cão ao longe, gemido fundo. Embate no céu de cinza, depois desce pela encosta, desfaz-se no horizonte. Ouço-o.

“Alegria Breve”

Promessa

E no Verão, a festa, a Corica tinha uma promessa a cumprir. Deixem-me preparar para entender – está calado, Teseu. Acaba lá com essa merda da lamúria, preciso de sossego para entender. O Dr. Abílio entende, a Corica também. Eu é que não. A Corica tem de um lado o poder divino onde cabem todos os remédios e todos os doutores e a ordem em que se alinham os doutores e os remédios. O Dr. Abílio do outro lado tem na mão um tubo de vitamina C. E eu quero também a vitamina e estou-me nas tintas para o Pai do Céu da Corica e sorrio cheio de superioridade ilustrada para a sua tacanhez mental, mas não para a necessidade que toma nela aquela forma tacanha. Ele tem a razão toda no tubo, ela tem-na no Senhor do Calvário, a quem pertence também o tubo. E eu tomo também a vitamina e dispenso todo o resto, que pode ficar para a Corica, mas fico muito intrigado de a vitamina existir – tu que dizes, Teseu? Está bem, já vamos, a tarde arrefece sobre o mar. È a hora de as coisas meditareem sobre o fim das coisas, na rampa sobre a praia as vidraças das vivendas estalam de sol. Para os lados da esteira de luz, as águas afundam-se num verde escuro e frio, toda a extensão da praia vai ficando deserta. Mas escusas de ganir, Teseu, a Corica tem uma promessa a cumprir e eu quero ver, já venho. Estou a meio do percurso da procissão, vejo dali a capela e todo o muro que se abre para os dois lados com a iluminação acesa. São formas geométricas em ripas de madeira, suspendem-se delas lamparinas de azeite que desenham as formas na noite. Fecha os olhos um instante e vê. Pela noite fora, de uma a uma as lamparinas apagando-se, a corrosão da geometria perfeita, os desenhos luminosos iam ficando roídos, e no ar, sempre, ao longe da nossa casa, a revoada da música de charanga pelo ar. Estou a meio do percurso, quero ver a procissão que vai levar o Senhor da capela para a igreja. Quatro colossos alombam com o maciço do andor, levam o apoio de paus grossos com forquilha para de vez em quando o descansarem. Deitado nele o Senhor do Calvário, o corpo nu, aberto de chagas, a cruz ao alto com o

sudário, e encostada à cruz, arrasada de lágrimas, a sua Mãe Santíssima. Por debaixo do andor, a Corica. Vai de joelhos, os tacos dos ossos nas pedras, as pernas dos homens tremem com o carrego. Duas mulheres de um lado e do outro, para ampará-la, estendem-lhe a mão, ela não quer. Há um contrato firmado na eternidade, ela não quer, Deus não se deixa assim enrolar. E joelhos em terra, arrasta-se a marcar o andamento da procissão. Padre Moita olha para trás a pedir mais desembaraço. Leva o andor por cima, os homens que vão às varas acertam o passo pela Corica. Então ela tenta acelerar. Vejo-a desarticular de rojo, bate os joelhos nas pedras, devem já ir a sangrar como os do Senhor do Calvário que vai em cima estendido. Desarticula-se no andamento, de vez em quando um esgar de sofrimento, alguma pedra bicuda que se lhe meteu na devoção. E reza. E canta – e canta? o povo de vez em quando, ela deve ir a cantar também. Da capela à igreja, ainda um estirão, foi um contrato leonino, Deus ficou com a parte mais grossa, ela cumpre. Vai ali de rastos, Deus em cima a fazer as contas. Então as duas mulheres, ela olha uma e outra, cheia de escrúpulos de consciência. Estendem-lhe a mão para apoio, ela olha ainda, padre Moita chateia-se com o andamento. Faz-lhe sinal, diz-lhe qualquer coisa na cara irada, a Corica agarra as mãos das mulheres. Agora desengonça-se melhor, deve levar os joelhos em sangue. São pedras duras da calçada, algumas com arestas vivas para contentamento de Deus. Estou na curva que vira para a igreja, para lhe admirar a penitência, passa por mim aos solavancos do andamento. E canta. Há uma ordem da vida onde cabe a terra e os céus e os tubos de vitaminas, o Dr. Abílio não sabe. Está comigo na sala, veio agora da cova, cheira ainda ao estrume da sua irreligiosidade. Passa por mim à curva, faz gestos desesperados para a Corica pertinente. Mas todo travado de conveniência, escândalos não. Vejo agora a Corica de costas, a igreja logo adiante. As mulheres quase a suspendem, vai quase no ar, as asas do xaile abertas. Uma mulher atrás, só agora reparo. Leva-lhe a criança ao colo, para que Deus entenda bem porque é que vai ali. Há uma ordem na vida, está quase a cumprir-se. O andor maciço por cima, ela vai agachada por baixo à sua protecção. Quatro labregos à carga, descansam agora o Senhor nas forquilhas dos varais. Padre Moita tem uma reza especial a fazer-se antes de entrar na igreja, a Corica suspende a penitência, agachada sob o andor. Depois entram na igreja, deve levar os joelhos em carne viva, Deus deve dar-se por satisfeito, cerra o livro das contas, manda-a em paz.

“Signo Sinal”

Neve

Do céu opaco, uma larga nuvem de flocos brancos caía mansamente como poeirada de papéis rasgados. Bruno *cheirara* a neve de véspera, no ar gelado e quedo, no céu cor de pombo. E agora que a via através da janela, não trocava por nada aquela hora de sossego. Subiu aos vidros da varanda e escutou, de coração represo, o silêncio intrínseco do mundo. Já ao largo de toda a encosta ia um vasto mar branco, com ondas nas curvas lentas dos cerros, barcos negros de casas, mastros de ramos de árvores. Uma mão fria e segura imobilizava tudo. Braços do mar cobriam os sulcos dos caminhos, coagulando como leite. Os homens e a vida eram agora apenas uma perdida memória, submersa na lava branca. Sombras de gente deslizavam solitárias, ao longo das ruas, mas a neve cobria logo atrás o rasto da sua lembrança. Tímida, a ribeira escorria por entre massas redondas de neve, sob agulhas de vidro, pendentes dos salgueiros. Silêncio profundo, silêncio cósmico, de astros rolando pelo espaço vazio. Bruno desceu à sala, carregou o fogão e fechou os olhos, abandonado e feliz. Sem cessar, do peso das nuvens desprendiam-se mechas de neve que arrasavam, em planura, a última arrogância das coisas. Os dedos da figueira erguiam agora, do fundo do mar, uma súplica hirta de salvação. A cabeça dos pinheiros vergara. Bruno, ao rumor da tiragem do fogão olhando o poisar da neve, mergulhava dentro de si, procurando o sabor, o cheiro real do mistério fluido daquela hora, tantas vezes evocada saudosamente. Quase tocava esse mistério, quase o retinha, cuidadosamente, na concha das mãos. Mas não chegava nunca a vê-lo, a tocá-lo, de leve que fosse. Era um fumo sem cor, adivinhado, mas terrivelmente presente. Era um doce eflúvio a envolvê-lo todo, assim mudo, petrificado. Débil lembrança de um momento nunca abarcado pelos sentidos, de uma verdade só memória, sem tempo. Por isso, via melhor a neve, a longa desolação do mundo branco, fechando os olhos, fechando-se todo, e imaginando. Talvez que para aquela hora de pureza só fosse própria uma inocência de criança, que nunca se conhece senão depois de se ser criança.

Talvez que a beleza daquele instante fosse apenas a harmoniosa lembrança de uma translúcida verdade que nunca existiu. Por isso o mistério se embaciava ao bafo mais ligeiro de uma procura directa. Bruno voltou à janela. Mas agora já a coragem das crianças desmanchava o sossego do mundo. Gritos alegres perturbavam a serenidade do céu. Então os homens crescidos saíram também à rua e fizeram-se também crianças para afirmarem, contra as nuvens, a força da sua condição.

“Mudança”

Sinfonia

Chovera. Pela tarde, nesse fim de Setembro, uma tempestade velha caíra sobre aldeia com uma carga de dilúvio. Mas, breve como chegara, sumira-se. Ficara apenas, nos córregos da montanha, um férvido rumor dos restos da enxurrada. Era um murmúrio longo, resfolegado, vasto como de um mar. Uma cólera surda rugia ainda nas águas da ribeira, e para a terra inundada descia ainda do céu uma ameaça de cinza...

À noite, porém, tudo acabou. As nuvens dispersaram-se, abrindo o brilho às estrelas, a ribeira adormeceu. O silêncio alastrou pela montanha, envolveu todo o mundo, selou-o. E a Lua veio por fim, quente de augúrio e de sangue, erguendo-se sobre a terra como os anjos das ruínas...

– Caramba! É belo!

À opressão da angústia, cães latiam desvairados para o alto. De longínquas herdades, dos casais, os uivos partiam contra o céu, pairavam, coagulados, no ar.

– Assombra, Berta! Esmaga!

Já branca, em pureza, a Lua vogava agora por entre os destroços das nuvens que boiavam à deriva. Algum tempo, só os cães ladravam à noite. Mas por fim, afoitos, outros bichos irromperam do escuro do silêncio para a claridade aberta da Lua. Do fundo das ruínas, sapos ulularam longamente; e da borda dos poços, dos ribeiros, as rãs ergueram, soturnas, o seu ingurgitado clamor. Para o sul, de face muda e deslumbrada, os cerros levantavam no céu ingénuas sombras de gigantes.

Traçados pelos rins, presos ao peitoril da janela, Carlos e Berta falavam baixo, olhavam. Faltava apenas que um ser humano, corajoso, acabasse de destruir a assombração da noite, ordenasse, sob o império da sua voz, as vozes e as formas nocturnas... Foi quando, das traseiras da casa, um dos filhos do Pilé largou ao ar um assobio vitorioso que foi tombar lá longe, nalgum sonho

de criança que o esperava. Carlos Bruno encheu enfim o peito de ar, disse inesperadamente:

– Tudo está certo no mundo.

Berta olhou. A lua escorria-lhes pelo corpo, vestia-os agora de um branco sem culpas, dissipava-os num frio vapor de lenda.

– Tudo está no seu lugar. O que amo, Berta, merece bem o meu amor. E o que odeio merece bem o meu ódio.

Este acordo musculado com tudo, esta forte harmonia entre a vida e a sua vida, havia ele de recordá-los mais tarde, dolorosamente, quando a fortuna o tivesse já rolado para longe desse ponto de partida, desse tempo em que tudo era justo, evidente, absoluto.

“Mudança”

Melodia perfeita

Tenho a memória cheia de noite e de neve que fosforesce no escuro. Memória escura da infância, mas é necessário que o violino vibre no tempo e a sua música chegue até mim. Lembro as tardes, eu estudava solfejo à luz indecisa do entardecer. Semibreves, mínimas, semimínimas, colcheias e o mais, e os tempos de cada uma, e os compassos desde o quaternário. Cai neve pelo horizonte, estou só no meu quarto ao alto da casa onde agora o violino, teias de aranha velam o seu abandono. Todo o espaço em redor se conglo-mera de flocos de neve, eu ensaio no violino a **Ave Maria** de Schubert para totocar na igreja. **Dó...ó...ó...ó...**, **si, dó, mi...i...i...**, música eterna do meu silêncio final, a palavra última, a fundamental por sobre todo o linguajar do mundo. É uma música difícil, com terceira e quarta ou quinta posição, tudo na quarta corda, ó música terna. Cai a neve é necessário que ela caia para a minha memória existir. Há o vasto céu de cinza, a revoada da neve a toda a roda do horizonte, há o silêncio intrínseco do mundo ao abismo de um olhar maravilhado. Tenho o violino na mão, suspendo-me eu também, olho pela janela o suave encantamento. Vou à roda da casa, vou de janela em janela. Não talvez para captar todo o espanto do milagre, mas como se para decifrar de algum modo o inquietante do mistério. Quedo-me enfim suspenso da graça que me visita, olho a neve poisar na pobreza das coisas. E pouco a pouco uma divinização de brancura transcende tudo ao irreal e imaginário, a um deslumbramento infantil. Telhados das casas e as oliveiras e os caminhos e a massa da montanha entre-vista tremulamente através da neve que tomba, tudo se transmigra ao incerto da levitação e assombro. Então, no silêncio universal, enquanto lenta, irradiada de horizonte, a neve cai devagar, submisso a uma voz oblíqua que me trespassava de maravilha e eu não entendia, integrado numa harmonia que ignorava, então tomo de novo o violino. O arco raspava áspero a melodia da corda, mas havia por baixo outra melodia perfeita que eu escutava no anúncio dela que me coubera e me arrepiava de uma beleza transcendente como o diadema

de um sorriso que não acabasse de sorrir. **Dó...ó...ó... si, dó, mi...i...** cai neve no universo, uma voz canta entre os meus dedos inábeis, prolonga-se aos limites da vida e da morte. Toca. Todo o mistério se cumpre na palavra única fundamental, a primeira e a última, a que reinventa e resume toda a complicada maneira de dizer, todo o complexo e humilde e profundo modo de ser.

“Para Sempre”

Balada

Olho de novo aquela massa de gente e estamos lá. Nas escadas da Sé, escalonados pelos degraus, estão rapazes e raparigas de que só se vêem os rostos em destaque no traje preto de estudantes. E ao alto, os que irão cantar e tocar – se nos sentássemos num degrau? mas tu preferes o largo coalhado de gente onde a música ressoa com maior amplidão. Subitamente retine a todo o espaço do largo um timbre de guitarra. E logo o silêncio se estendeu por toda aquela massa humana. Tomo a tua mão, os dedos entrelaçados, e escuto. Escutamos os dois, unidos como dizer-te? na transcendência de nós, na transfiguração de tudo o que pensássemos, numa legenda antiquíssima que nos levasse consigo. O céu estava limpo e viam-se as estrelas. Toda a iluminação do largo tinha sido apagada e viam-se melhor assim. E havia em nós um movimento alado para nos dissiparmos entre elas. Apertei-te a mão e tu apertaste a minha e eu tive a evidência de que nada nos podia separar. Agora um estudante cantava uma balada – “morrer é passar um dia todo inteiro sem te ver”. Como é triste pensá-lo. Sem te ver. Vejo-nos aos dois no fundo do largo, só a fachada da Sé se destaca, batida de um facho luminoso, com os estudantes nos degraus, até que a balada findou. Mas tudo fica em silêncio, não se ouve um aplauso sequer. Como lá dentro da Sé, pensei. Comunhão de silêncio. Da prece. E foi quando uma guitarra lançou o seu lamento profundo, talvez um chamamento para longe, para alguém invisível que se afastava para nunca mais. Qualquer coisa assim. E uma súbita amargura desceu-me até à mão que apertava a tua que se apertou na minha. Unidos num destino comum, pensei. Como num juramento que não fizéssemos e para sempre. O largo compacto de gente escutava connosco em silêncio. Tínhamos os dedos das mãos enlaçados mas a certa altura desprendeste a tua mão da minha e então percebi que já ali não estavas. Fica, disseste, não precisas de vir comigo. À luz dúbia do largo olhei a tua face gentil e vi nela a tua determinação. Desculpa, disseste ainda, mas isto que é que me pode dizer? E é então fatigante.

Mas não precisas de vir comigo, vou perfeitamente sozinha. Estava uma noite quente, usavas saia e blusa. E eu via-te o delineamento do teu corpo fino, a brevidade dos teus seios. Claro que vou contigo, disse eu. Fomos abrindo caminho pela mole de gente, chegámos ao fundo da rua do Norte.

À direita, a massa escura da Sé, e pelo ar, ainda e sempre, o ondeado de uma balada. Com o teu passo curto caminhavas mais depressa do que eu e foi com esforço que tive de te acompanhar. E chegámos enfim ao cimo da rua, junto à Porta Férrea, tu moravas à entrada da rua Larga, num terceiro andar de um prédio esguio pegado a um outro por cima de um café. Puxaste o trinco da porta da rua e eu disse-te acompanho-te até lá cima. E no teu rosto firme houve uma crispação de recusa – que tolice, disseste. São três andares que são quatro com o rés-do-chão, porque não deixas que te acompanhe? Mas tu não respondeste e já do lado de dentro tiveste um sorriso para te perdoar. Fiquei ali o tempo que levasses até entrar em casa e com uma inconfessável esperança de que ainda assomasses à janela. Não te vi mais. Mas agora já me não interessava regressar ao largo da Sé.

“Cartas a Sandra”

Regresso

Por uma manhã breve de Dezembro, um homem subia de automóvel uma estrada de montanha. Manhã fina, linear. O homem parou um pouco, enquanto o motor arrefecia, e olhou em volta, fatigado. Aqui estou. Regressado de tudo. Pelo vale extenso até a um limite de neblina, viam-se aqui e além indícios brancos de aldeias, brilhando ao sol. Que dia é hoje? Pelos campos perpassava uma alegria estranha, talvez do sol e daquele fundo silêncio a toda a volta, sem uma voz repentina das que sobem e vibram nas manhãs de trabalho. E de súbito lembrou-se: para o fundo do vale, ouviu o dobre dos sinos do Freixo. Manhã de domingo, manhã de infância, sinos de outrora. Correntes misteriosas de vento traziam as vozes, enchiam delas o espaço, diluíam-nas em distância. Outras vezes atiravam-nas contra a massa da montanha, traziam-lhes o eco de longe, e todo o ar estremecia de memória. Vozes de sinos antigos, vozes do tempo, súbito alarme de que fascinação?

– Salve-o Deus.

O homem despertou. Pôs o carro em andamento e em breve, numa curva de pinheiros, toda a aldeia se ergueu em frente. Velha aldeia boa aldeia. Reconfortava olhá-la de novo, na resignação do silêncio, fascinava-o reaprender a vertigem das eras naquelas casas negras, na gente espectral escurecida dos séculos. Morava na proeminência de um cerro, suspenso do abismo, num extremo da povoação. Lá estava ao pé a capela abandonada da **Senhora da Noite**. Estranho nome. Era uma vulgar **Imaculada** com meia lua e estrelas, pintada grosseiramente no tecto, e agora quase apagada da humidade e do caruncho. Mas o povo chamava-lhe a “Senhora da Noite”. Talvez pela lua e pelas estrelas ou apenas porque a invocavam outrora nos caminhos da montanha, aos quais, ali no topo do cerro, parecia presidir.

Frente à velha casa, no automóvel parado, o homem recordava. Há quantos anos?

“Cântico Final”

Retorno às origens

Regresso, pois, a casa, regresso à aldeia. Oh, sim, vão sendo horas. Abrando a marcha à entrada da ponte, viro à esquerda. Abrando pela rapidez da curva, não apenas, mas pela voz grave que vem do disco me afunda até ao cansaço absoluto. Chama-se “Amanhecer”. A música. E uma vontade grande de me dizer todo na amargura – mas não pode ser. Quando muito, o choro é-se, não se diz, é dos sítios com uma porta fechada. Quando alguém abre a porta, tem de se estar vestido de conveniência e de respeito pelos outros, que também fecham a porta. Chorar diante deles cria má reputação à espécie viril a que também pertencem. Não gostam. Em todo o caso. A noite cresce, é inegável. Para o alto, o céu escurece rapidamente, quebrado de Outono. E então não posso mais, não posso. Embate em mim, a noite, sinto-a, envolve-me de todo o lado. E com ela, mais profunda a solidão. Esperava-a, bem sei. E todavia surpreende-me – que é que em mim ainda resistia? A distância não apenas de mim às coisas, mas de mim a mim também. O indício de uma ideia, de uma certeza, de um refúgio. Evaporados, idos. Só se chorando, mas já estabelecemos que não. Um repentino pavor, um medo infantil. Só se. Já assentámos que não. Rolo devagar pelo empedrado da rua que sobe ligeiramente. E a olhos lentos vou descobrindo o meu reino. Retornar ao princípio? Fechar o círculo, **cursum peregi**. Verdadeiramente, a vida é que me expulsou. Retornar de olhar limpo, depois de quanto o iludiu. Se tu pudesses aprender ainda, agora a escola fechou. Mesmo o cérebro deve estar uma pedra. De um lado e do outro, vou rodando lentamente, as casas alinham-se unidas pela rua deserta, batidas no silêncio pelo estrépido do carro, algumas janelas já acesas: regressa aos teus mortos. Vão sendo horas. E é como se por entre os sepulcros de uma civilização perdida. Mas ninguém te espera, ninguém, ó tu, há quanto tempo já morto? É num país que não era o teu. Porque o teu reino é este. Alguém, no entanto, ergueu uma vidraça ao estampido do motor. Como espectros à beira, fachadas negras dos séculos. Vão ficando para trás, eu passando por

entre elas, casas mudas, seladas de sombra. Oblíquas de ameaça, tenebrosas – há quanto tempo me esperais? Aqui estou. Com o seu castigo decretado há milénios, eu, o perjuro. O renegado. O que se enganou na porta – e como é que te enganaste? Da vida que não era a sua. E a quis decifrável em letra miúda e não em letras gordas, desenhadas à mão grossa da sua caligrafia. O que quis ser em complicados modos de ser e não no modo único de ser que é apenas ser. Aqui estou. Para sempre.

“Rápida, a Sombra”

Se tu viesses

Já te falei do Cristo que dependurei da parede e do fresco de Pompeia e do desenho do Dürer. Há dias o capelão. Mas não te falei dele ainda. Há dias estive aqui, ele conhece o nosso filho Teodoro, depois explico. Estive aqui e olhou as três imagens, eu associei-as em tríptico, o Cristo no meio, olhou as três figuras e começou a baforar consideração especulativas. Dei-lhe corda um dia, ele gosta de baforar. Diz-me ele.

– Veja o doutor. O senhor não pensou nisso mas veja como a mão de Deus o guiou. A figura de uma mulher esplendorosa.

– É uma deusa – disse-lhe eu – Uma deusa pagã.

– Mais razão tenho ainda. Uma deusa pagã, o esqueleto de toda a vaidade e ilusão, e Cristo ao meio a redimir tudo isso e a dar-lhe um sentido.

Chateou-me a pregação e eu disse que podia ser outra coisa. Que coisa, doutor? Pode ser o deus cristão, a deusa pagã e no fim o esqueleto dos dois. Mas ele não gostou e disse só – que tolice. Depois dissertou sobre a velhice e o injusto descrédito ou desprezo a que é votada, falou-me mesmo de um livro ou tratado de Cícero sobre ela em que se realça a sua grandeza e dignidade com exemplos históricos, citou-me mesmo algumas frases em latim para confirmar, propôs-me trazer o livro mas eu disse-lhe não quero, tudo isso é uma aldrabice. Ele horrorizou-se e foi-se embora. Querida. Se tu viesses. Gostava tanto de te ver. Em qualquer idade da vida, que em todas estarias certa com a minha necessidade de te amar. Na idade jovem do teu cabelo *à garçonne*, na tua idade azougada em que eras mais enérgica do que a vida, mulher eléctrica, quando eu ficava estoirado só de te ver. Ou mais tarde, à hora desta deusa da Primavera que tenho aqui. Ou mesmo já no fim, quando te levava pela mão, já trôpega, atrapalhada com todas as peças de seres, e íamos almoçar ao restaurante em frente de casa. Se viesses. E todavia. Se viesses, talvez te não pudesse já dizer o que te digo, porque para as palavras difíceis uma presença é importuna. Aliás, quase não tenho aqui com quem

falar. Converso o meu tanto, mas não falo. Cumpro o meu dever comunitário mas só quase ouço, hoje falei foi com o Cristo que tenho aqui. Tu lembras-te, estava na sala pendurado com guitas, tinha-o trazido da aldeia. Tantas coisas a dizer-lhe, não sabia como começar. E então eu disse-lhe

– Tinha muita coisa para te dizer e não sei como começar.

Mas ele não gostou. Estava farto, decerto, da quantidade de gente que o tinha chateado com conversa – a mania que vocês têm de me estarem sempre a interpelar.

“Em Nome Da Terra”

Aqui só

Vou à deriva pelo labirinto das ruas, pela rede dos muros que se erguem do chão. É uma rede que se estende pela noite a toda a vastidão do largo, desenha o ininteligível do enigma no silêncio. A Lua aponta no horizonte a sua interrupção final, ergue-se vagarosa como um anjo das ruínas. A superfície de cima dos muros ilumina-se no seu clarão, traça no ar sobre o escuro, o seu diagrama da vertigem. Sepulta no silêncio toda a aldeia – eu só. Olho o enredado dos muros, batidos da luz pálida da Lua, traços de rectas quebradas em ângulos, dobrados em curvas, multiplicados em novas rectas em outras curvas, cruzados, numa proliferação aérea como teia suspensa – suspenso eu, batido de uma fúria de desorientação. À janela para a noite sobre o mar, as águas coalham negras lá em baixo, afundam-me o abismo do meu meditar. Vou a passos lentos, temerosos, o chão range-me sob os pés no silêncio. A um lado e outro, a morte coagulada nos muros inacabados, apodrece no escuro dos vãos interiores, salas, quartos, o lar do homem de amanhã. Vou a passos perdidos, suspendo-me no silêncio, a Lua mineraliza-me no espectro do futuro. Cadáver sepultos na minha memória e a ardência do homem a ressuscitar, a História suspensa, os construtores da terra partiram. E à medida que avanço, para um lado e outro, como patas de aranha, o imbricado da rede, capturado eu, a toda a roda os nós destros do meu aprisionamento. Imensa, pairando, vejo-a agora sobre o horizonte, a Lua, e uma voz de ascensão sinto-a em mim. Estou aqui, no chão que me pertence, o passado e futuro, de todo o meu percurso, terra da minha origem, da minha condição. Os construtores do futuro, idos, partidos, talvez que nada nas suas mãos a realizar. Mas a minha esperança, a minha urgência, um dia, um dia. Aqui, no lugar do nosso destino comum. Na interrogação sem fundo, fito-a no mar escuro, aturde-me neste silêncio de ruínas, neste começar sem um sentido, nesta paralisação do terror. Mas eu sei que – e como não sabê-lo? terra do meu desastre e da minha glória humana. Vou por ruas e becos – que a vida se entretecerá aqui? que ódios,

sonhos, vozes de alegria de amargura? Aqui, neste labirinto da nossa confusão. Fiadas de casas a nascer, algumas já com um começo de vão de porta, um degrau, um lanço de passeio. Não há centro nenhum, não distingo, esboços de largos, algum marco talvez para uma fonte, para um monumento? E é como se uma civilização perdida, percorro-a com o coração terno, meu coração. Desisto de um fio que me oriente, ando à roda de mim, venho dar ao mesmo sítio. Então, mais forte o impulso de ascensão, subo a um muro, olho em roda a confusão do enigma. Desviada um pouco a minha casa, não sei se ela entra nas contas do futuro, vejo-a silenciosa, lavada de lua como uma estátua de sal. Mas a toda a volta, buracos de treva nos vazios dos muros, como as locas de um vasto cemitério antigo, escavado na rocha, memória dura de um tempo perdido, memória oca. E é como se a alma que não há, a vitalidade interna destas casas inacabadas, a presença do homem na pedra, é como se do que ficou de tudo o que ruiu, eu a sentisse ainda como um bafo na face, o calor humano do que outrora, na perdição da memória, para um sono harmonioso me aqueceu. Na terra deserta, eu só.

“Signo Sinal”

Para sempre

Para sempre. Aqui estou. É uma tarde de Verão, está quente. Tarde de Agosto. Olho-a em volta, na sufocação do calor, na posse final do meu destino. É uma comoção abrupta – sê calmo. Na aprendizagem serena do silêncio. Nada mais terás que aprender? Nada mais. Tu, e a vida que em ti foi acontecendo. E a que foi acontecendo aos outros – é a História que se diz? abro a porta do quintal. É um portão desconjuntado, as dobradiças a despegarem-se. Há muito tempo já que aqui não vinhas. Sandra era da cidade, gostava da capital, detestava a vida da aldeia. Lá ficou. Abro a porta devagar, ela range para o espaço do jardim. É um jardim morto, as plantas secas, os canteiros arrasados nas pedras que os limitavam. Alguns têm só terra ou hastes secas de roseiras. Vejo-as do portão, o carro à entrada a trabalhar. Depois meto-o na garagem, que é um barracão ao lado da casa. Um silêncio súbito, silêncio da terra. Reparo agora melhor no pequeno jardim. Uma selva bravía. As plantas selvagens irromperam de todo o lado, aos cantos dos muros à volta, junto à casa. Há algumas armações de madeira ainda, já apodrecidas, suspensas de arames, sem flores.

Olho-o um instante, olho a casa, circunvago o olhar. Preparar o futuro – o futuro... E uma súbita ternura não sei porquê. Silêncio. Até ao oculto da tua comoção. Preparar o futuro, preparação para a morte. Está certo. Parte-se carregado de coisas, elas vão-se perdendo pelo caminho. Se ao menos uma breve ideia. Não tenho. Não é bem a vida que faz falta – só aquilo que a faz viver. Trago o carro para dentro, vou metê-lo na garagem. O carro acelera na tarde quente, a areia da alameda range. Paro, desligo o motor, um silêncio mais desértico. E um pequeno susto insinuado às coisas. São três malas apenas, virá o resto depois. Tomo duas, subo o balcão até meio, vou buscar depois outra. E de repente dobra o ângulo oposto da casa, vem direita a mim. Um breve ruflar de saias compridas no silêncio, desliza imperceptivelmente, traz um molho de couves num braçado, tia Luísa.

– Já vieste, Paulinho

Pára um pouco ao pé de mim.

– Estás morta! – grito-lhe eu para o espaço em redor.

– Paulinho...

Tem os lábios cerzidos, a face macilenta. Dá a volta à casa pela frente, vejo-a agora de costas, desliza como aragem pelo chão. Em volta, o jardim imóvel no silêncio. Mas de súbito, aponta de novo a esquina da casa, vem de novo para mim, vem crescendo como um susto. Mas não me olha, não me fala. Vejo-a de costas outra vez, desaparece atrás da casa. É uma tarde de Verão, ergue-se de horizonte a horizonte. Uma voz canta ao longe, na dispersão do entardecer. Vem do fundo da terra, sobe em círculos pelo ar, evola-se na distância. Fico a ouvi-la no silêncio em redor.

“Para Sempre”

A "Rota dos Escritores do Século XX" é um projecto de dinamização e intervenção sociocultural promovido pela Comissão de Coordenação da Região Centro. Os motivos simbólicos que centram e catalisam esta Rota dos Escritores são sete autores do século XX que, por diversos modos de vida e obra, se tornaram indissociáveis da Região Centro e que se notabilizaram pela categoria estética, pela força comunicativa e pelo impacto no espaço público:

Afonso Lopes Vieira (1878-1946)

Aquilino Ribeiro (1885-1963)

Miguel Torga (1907-1995)

Vergílio Ferreira (1916-1996)

Fernando Namora (1919-1989)

Carlos Oliveira (1921-1981)

Eugénio de Andrade (1923).

VERGÍLIO FERREIRA

A Serra é a matriz da viagem de formação que o seu arquí-herói uma e outra vez ensaiará – nela integrando a *Évora de Aparição* (1959) e a mítica Coimbra de tantas narrativas simbólicas. Enquanto latejava a *Manhã Submersa* (1954), o escritor militou numa literatura de denúncia social (romances *O Caminho Fica Longe*, 1943; *Onde Tudo Foi Morrendo*, 1944; *Vagão J*, 1946; contos de *A Face Sangrenta*, 1953). Já a temática da alienação aí anunciava outra vocação, que em *Mudança* (1958) se define como viragem para a angústia existencialista só resgatável pela Arte (*Cântico Final*, 1960). Como ensaísta e até como memorialista (vols. de *Conta Corrente*) Vergílio Ferreira fundamenta essa inquietude pela reflexão filosófica (desde *Do Mundo Original* até *Pensar*, passando pelos vols. de *Espaço do Invisível*); como ficcionista encarna-a na vida dos seus romances e contos, cada vez mais problemáticos e líricos, de *Alegria Breve* (1965) até às obras-primas finais (*Para Sempre*, 1983; *Até ao Fim*, 1987; *Em Nome da Terra*, 1990; *Na Tua Face*, 1993).